LAMPIÃO da esquina

ANO 3/ nº 28 | Rio de Janeiro, Setembro de 1980. | Cr$ 40,00 | • Leitura para maiores de 18 anos

EM AGOSTO FOI ASSIM:

CRIOULO NÃO É GENTE, BICHA E MULHER TEM MAIS É QUE MORRER

Manuel Puig fala da mulher aranha

censo-80

OPINIÃO

Nós ainda estamos aqui

Pela primeira vez, em mais de dois anos, LAMPIÃO chega às bancas com um pequeno atraso: quase uma semana. Que nos perdoem nossos leitores, entre eles os assinantes que se espalham pelos pontos mais diferentes deste Brasil — de Boa Vista, Macapá e Rio Branco a Pelotas, esta o nosso ponto mais ao sul —, mas o atraso foi proposital: completamente engolfados pelo momento altamente dramático ora vivido pela nação, resolvemos dar uma reciclada, fazer uma revisão de propósitos. A questão que se coloca é a seguinte: LAMPIÃO, reconhecidamente um dos momentos mais importantes da imprensa brasileira nestes últimos anos, teria envelhecido? Estaríamos nós acomodados, a repetir infindavelmente os mesmos chavões, sem acompanhar o trem da história, atualmente correndo — ainda que em trilhos tortuosos — mais depressa que nós?

Mais que se entregar às áridas, exaustivas discussões de gabinete, a gente prefere, numa ocasião como essa, recorrer às mensagens que nos mandam nossos leitores. A julgar pelas cartas, que recebemos em número cada vez maior o jornal continua sendo uma novidade para a maioria dos que o lêem. Mesmo a acusação que por vezes nos fazem, de sermos um jornal demasiado voltado para o gueto, é fartamente rejeitada no que nos escrevem muitos desses leitores: eles nos acusam, ao contrário, de ceder demasiado espaço a outras minorias, de nos ocuparmos de assuntos que "nada têm a ver", mesmo que procuremos abordar estes assuntos de uma perspectiva inteiramente nova, porque nossa, dos homossexuais.

Na verdade, o simples trabalho de fazer LAMPIÃO chegar às bancas já é por demais exaustivo para os seus editores, desde que eles resolveram, em fins de 1977, lançar o jornal e fazê-lo a cada número, em vez de discutir uma proposta para ele; eu e Francisco Bittencourt, no Rio, e João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, em São Paulo, nos esfalfamos a cada mês, para que o jornal chegue aos leitores com um mínimo de qualidade, o mais abrangente possível e sempre coerente com a sua proposta alternativa. E isso só é possível por causa de uma vasta rede de colaboradores — desde **seu** Maurício e João, que cuidam, respectivamente, da parte burocrática e da circulação, até os leitores distantes — alguns até anônimos — que nos enviam notícias, recortes de jornais, roteiros de suas cidades, etc... Isso além do pessoal que trabalha ativamente aqui na redação, alguns sem receber qualquer compensação financeira — mesmo simbólica — por isso.

Foi nessas pessoas todas que nós nos apoiamos nestes 28 números. Foi o entusiasmo delas, a dedicação, que manteve o jornal até aqui. E foi nelas que nós pensamos, nos dias mais negros desse terrível mês de agosto, quando, ameaçados anonimamente, bloqueados nas bancas, e ainda a enfrentar o fantasma gargalhante da inflação delfiniana, chegamos a pensar — senão todos, pelo menos alguns de nós, lá no íntimo: estaria na hora de parar?

E, finalmente, após tanto choro e ranger de dentes (além de, lamentarmos como sempre, algumas defecções), aqui estamos nós, mais uma vez, nas bancas. Não, caros amigos, queridos leitores, não vamos parar. Mesmo que precisemos, para prosseguir, ignorar a acusação que nos fazem — estaríamos "enchendo as burras" com este jornaleco —, e apelar, mais uma vez, para toda a criatividade dos nossos amigos, colaboradores e leitores. LAMPIÃO, mais que nunca, precisa de todos eles, inclusive para se tornar, mais ainda, de todos eles.

Não podemos negar: estamos em crise. A crise, claro, não é um privilégio nosso — a nossa é mais um reflexo da crise geral, nacional. Extamos chegando aos nossos leitores a um preço cada vez maior — e não estamos mais falando de trabalho e sim, de custos financeiros. Por suas características marginais, o jornal tem encontrado grande resistência por parte dos anunciantes, os quais parecem ignorar a certíssima afirmação da revista norte-americana **Time**, que, em matéria de capa sobre o homossexualismo, disse há um ano: "Os homossexuais usam hoje o que será a moda heterossexual daqui a três anos." Ou seja: os homossexuais estão mais compromissados com o consumismo — não por qualquer falha de caráter, mas sim, à falta de outros compromissos, como família, filhos, etc. — que qualquer heterossexual jamais ousaria. Ou seja, ainda: anunciar num jornal como LAMPIÃO, que abrange várias faixas de leitores, todos consumidores em potencial, é mais negócio do que anunciar em qualquer jornal que se dirige, apenas, às problemáticas famílias deste final de século XX.

Assim, não podemos contar com muito mais, além da venda em bancas. E é aqui que entra o nosso apelo. Precisamos aumentar o número de assinantes do LAMPIÃO. Obter um número cada vez maior de assinaturas, sejamos sinceros, é importante para o jornal. Mas é bom, também, para os que o assinam — é uma maneira, nesta época de inflação galopante, de você ler o jornal de daqui a um ano pelo preço de agora. Por isso, renovamos aqui o nosso apelo: assinem LAMPIÃO; é uma forma de ser solidário com ele; presenteiem seus amigos, nesta época de Natal que se aproxima, com assinaturas do jornal: será um presente renovável a cada mês.

E mais: dêem uma olhada no nosso reembolso; ali estão os livros que lhes interessam mais de perto. Peça-os, você os receberá em sua casa e estará, outra vez, colaborando com o jornal. Manter vivo o LAMPIÃO é um desafio não apenas para nós, que o fazemos, mas, também, para todos aqueles que acreditam estar na hora de os homossexuais deixarem os buracos, as tocas, os disfarces, para apregoar livremente a sexualidade. Como diria o mestre Abdias Nascimento (negro e heterossexual; nada a ver com o gueto, portanto, mas um dos nossos gurus), isso aqui não é um jornal, mas uma guerrilha; e só com a ajuda de um número cada vez maior de pessoas poderemos mantê-lo nas ruas.

Sim, foi um trágico mês de agosto para nós. Não apenas por causa das ameaças, algumas concretizadas de forma dramática, mas por conta das notícias que, aqui, nos cabe destacar: Lecy Brandão e sua mãe barradas num prédio no Rio recorrem à Lei Afonso Arinos e percebe-se, mais uma vez, o quanto esta é inócua, baseada que foi, na época, em objetivos puramente eleitoreiros, e não na preocupação com a justiça social; mulheres que deixaram de amar seus maridos foram mortas por eles, a tiros, numa espécie de epidemia que começou em Minas e depois grassou por vários Estados e o sexto homossexual é morto, de forma violenta, nos últimos meses no Recife, provocando o escândalo inútil e supérfluo de sempre, cujo objetivo é, como no caso das mulheres mortas, provar que as vítimas são os culpados. Sim, ainda sob os efeitos da violenta ressaca do mês de agosto, chegamos às bancas cheios de uma certa tristeza que nossos fiéis amigos, os leitores, certamente notarão. Mas, ao mesmo tempo, buscando alento em nossa memória recente (e é por essa razão que publicamos, também nesse número, a comovente entrevista de Agildo Guimarães e Anuar Farah, dois pioneiros da imprensa guei), proclamamos: nós ainda estamos aqui. (**Aguinaldo Silva**)

"A Bicha Que Ri"

Atenção, frenéticos devoradores do Lampião, um dos nossos próximos lançamentos será um mimoso compêndio intitulado: "**A Bicha Que Ri**", onde a gente pretende publicar as melhores piadas — incluindo charges, historinhas, etc... — sobre bichas. E para o grandioso evento, precisamos da colaboração de vocês. Mande-nos aquela historinha que você ouviu, aquele desenho que guardou, aquela charge que mantém pregada na porta do guarda-roupa, e que sempre mostrou ao bofe antes do embate. Contamos com vocês, tá?

Conselho Editorial — **Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan**

Coordenador de Edição — **Aguinaldo Silva**

Colaboradores — **Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Dolores Rodriguez, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).**

Correspondentes — **Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).**

Fotos — **Cyntia Martins, Iara Reis (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitini (São Paulo); Dimitri Ribeiro (Rio) e Arquivo.**

Arte — **Antônio Carlos Moreira (Arte Final), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hartur e Levi.**

Revisão — **Dolores Rodriguez e Gladys Pamplona.**

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 — 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — **Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro-RJ.**

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento, 189/4º andar, Rio.

Distribuição — Rio: **Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda.** (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo: Paulino Carcanheti; Salvador: Livraria Literarte;** Florianópolis e Joinville: **Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.;** Belo Horizonte: **Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.;** Porto Alegre: **Coojornal;** Curitiba: **J. Chignone e Cia. Ltda.;** Vitória: **Angelo V. Zurlo;** Campos: **R.S. Santana;** Jundiaí: **Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.;** Campinas: **Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda.; e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.;** Ribeirão Preto — **Centro Acadêmico de Filosofia;** Juiz de Fora: **Ercole Caruso & Cia. Ltda.;** Brasília: **Anazir Vieira da Silva,** Goiânia: **Agrício Braga & Cia. Ltda.;** Recife: **Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.;** Fortaleza: **Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.**

Assinatura Anual (doze números): Cr$ 450,00. Números atrasados: Cr$ 50,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

Recife: mais uma bicha executada

É, realmente parece que os homossexuais pernambucanos andam sendo perseguidos por uma bruxa má. Tá russo pro **povo** de Recife. Continuam soltos e "desconhecidos" os assassinos de Tony e de Bamba, mortos no começo do ano, apesar de **frangos** e **pitombas** gritarem que sabem quem acabou com a vida de quem. Só a polícia continua não sabendo nada...

Agora, mais um crime de morte, novamente no famigerado Edifício Holliday, lá no bairro de Boa Viagem. E, mais uma vez, cadê o(s) assassino(s).

Marcos José de Moura, o **Marquinhos**, conhecido e respeitado médico ginecologista, de 40 anos, foi assassinado na manhã de 4 de agosto, uma segunda-feira, cerca do meio-dia, com uma cacetada que provocou a morte por fratura de crânio. Só foi encontrado na madrugada do dia 7, quinta-feira, quando um tal sargento Luiz, seu vizinho, sentiu o cheiro do cadáver em putrefação. O porteiro Ramiro Salviano chamou a delegacia de plantão, arrombaram a porta, que estava trancada e com cadeado de reforço, e depararam com o morto jogado sobre os almofadões da sala.

Para alguns moradores do prédio, havia dois suspeitos principais, amigos de **Marquinhos: Chiquinho** e Fernando (apontado, então, como um professor de 25 anos e 1m70cm). Ambos sumiram e, com eles, sumiu também o fusca do médico.

Marquinhos alugara o ap. 415 do Holliday, com seu amigo **Toninho**, há uns oito meses; só o usava durante os fins-de-semana. O proprietário é um certo senhor Farias, também funcionário do Condomínio do já chamado "Edifício da Morte". O assassinado morava com a família, no mesmo bairro, na **Barão de Jequitinhonha.**

OS MESMOS

O caso foi parar às mãos de José Édson Barbosa, Delegado de Homicídios, o mesmo que nada descobriu quanto às mortes de Tony e Bamba, mas que logo sentenciou: "todos os amigos são suspeitos". E, no mesmo dia 7, intimava, para prestar depoimento, Antônio César dos Anjos, morador do Holliday, apontado como ex-padre da Igreja Brasileira, conhecido como **César Lamarque**, considerado "amigo íntimo de Marcos".

E tome preconceito do delegado Barbosa: "Não tenho pistas para indicar o criminoso. Entre homossexuais, os amantes são os primeiros suspeitos. Acredito que o uso e tráfico de tóxico tenham tido influência." Claro, a gente sabe de cor essa história...

Também da Delegacia de Homicídios, entram no jogo, mais uma vez, os agentes Moura e Bigode: "O(s) autor(s) do crime é íntimo de Marcos, tinha livre trânsito no apartamento, fugiu levando o Volkswagen-80", mas "não foi latrocínio, nada foi roubado."

QUEM É FERNANDO?

Ainda no dia 7, alguns moradores do Holliday, que recusam se identificar ou ser fotografados, garantem que "o assassino foi Fernando" e informam que ali moram "mais de duzentos homossexuais".

Para os informantes, na véspera do crime Fernando teria bebido, num bar próximo, com **Chiquinho** e **Marquinhos**; depois, brigaram.

Fernando foi visto saindo do Holliday, no dia do assassinato, duas horas após a morte do médico. Depois, passeou pelos bares de Boa Viagem; como nunca antes acontecera, estava dirigindo o carro de **Marquinhos**.

Falando do médico, diz o porteiro Geraldo Rosa e Silva: "Alugou o apartamento há oito meses, nada sei da vida dele, quase não vinha aqui".

No mesmo dia, alguns moradores apontam outro suspeito: "Foi o padre César. Fernando foi amante dele e Marcos o tomou dele há dias. Faz duas semanas, Fernando deixou César e foi morar com Marcos, no 415. Aliás, o padre já foi preso antes, por cumplicidade com ladrões."

VIZINHOS E FAMÍLIA

Logo **sumiram** os vizinhos mais próximos do 415, numa atitude, no mínimo, estranha.

E, ao contrário do que geralmente aconteceu em semelhantes situações, a família de **Marquinhos** aparece falando em sua defesa: "Era uma pessoa devotada sempre à prática do bem, que queria ver todos felizes, um bom amigo admirado por todos, um homem de boa conduta".

Marcos José de Moura

É a vez de também entrar no processo de investigações o delegado João Batista Acioly Sobrinho, da 9ª Delegacia. Ao mesmo tempo, afirma o delegado Barbosa: "Já tendo um suspeito e fornecerei o nome oportunamente".

ALGUMAS CONTRADIÇÕES

Dia 8, freqüentadores do bar do térreo do Holliday informam que "Marcos, Fernando e o padre César estiveram aqui, bebendo, no domingo. "E a Delegacia de Homicídios diz estar certa de que "o assassino foi o estudante Fernando Ferreira da Silva," após o depoimento de **Chiquinho** (Francisco Morais de Assis). Givaldo e Antônio César dos Anjos, o **César Lamarque**, agora apontado como "bispo da Igreja Católica Ortodoxa Autocéfala do Mundo Latino, e professor dos colégios Boa Vista, Porto Carreiro e Pré-Acadêmico, de Olinda". E, acrescentam os policiais: "Fernando sumiu".

Fala Givaldo: "Eu, Fernando, Marco e Antônio passamos o dia de domingo quase todo bebendo e brincando em vários bares de Boa Viagem, terminando no térreo do Holliday. Em dado momento, Marcos foi em casa buscar dinheiro, e ficamos lá no bar, quando o garçon pediu a conta. Eu não tinha dinheiro para pagar, mas o Antônio prontificou-se a fazer o pagamento, e fomos embora".

O delegado Barbosa informa: "Givaldo, Antônio e Chiquinho não têm qualquer envolvimento no caso". E o padre garante: "Nunca tive caso com Fernando e só conheci Marcos naquele fim de semana. Nunca pertenci à Igreja Brasileira, sou da Igreja Ortodoxa. E nunca fui preso por cumplicidade com ladrões".

HORA E VEZ DA PM

Aparece então um soldado PM, Augusto Pedro dos Reis, prestando curiosas declarações: "Bebi com Fernando até a madrugada de quarta-feira, dia 6, em Olinda, mas não sabia ainda que ele era o principal suspeito da morte de Marcos. Logo que tomei conhecimento desse fato, procurei a polícia para narrar o acontecimento".

"Conheço Fernando há algum tempo, mas nunca soube que ele tivesse se envolvido com qualquer problema, jamais poderia imaginar que ele viesse a ser apontado como suspeito de um crime de morte. Durante todo o tempo que passei com Fernando, ele se mostrou muito calmo, frio, sem deixar transparecer qualquer sinal de nervosismo ou de alguém que tivesse praticado um crime. É por isso que estranho essas acusações que estão sendo feitas a ele. Mas, hoje em dia tudo é possível. Resta esperar que ele se apresente ou que seja detido pela polícia para saber se todas as acusações são verdadeiras. Eu mesmo jamais poderia imaginar que ele fosse capaz de praticar um crime desse".

"Fernando está desempregado e estranhei bastante o fato de ele se encontrar com uma pasta 007 contendo uma significativa importância em

Padre Antônio César

dinheiro. Perguntei a ele como tinha conseguido tanto dinheiro. Limitou-se apenas a responder que foi parte de um lucro que conseguiu com uma transação que havia realizado. Ele estava também dirigindo um Volks, placa AC-5915, que somente hoje vim a saber que pertencia ao médico assassinado. Na oportunidade, ele disse que o carro havia sido emprestado por um amigo".

UM DISCÍPULO DE RICHETTI?

Aparentemente pouco preocupado com a descoberta do assassino, porém muito interessado em outras coisas, o delegado Acioly passa ao ataque: "Não haverá mais baderna no edifício Holliday, pois já determinei um severo policiamento a ser exercido naquele prédio. Meus policiais estão agora diariamente percorrendo todos os andares do Holliday, quando será realizado o policiamento preventivo, assim como o combate ao tóxico e porte ilegal de arma. Da mesma forma, os desocupados que ficam em frente daquele edifício serão revistados quantas vezes se considerar necessário."

"Periodicamente, todos os moradores do prédio serão chamados à responsabilidade, pois somente dessa maneira o problema daquele prédio será solucionado. Além dos moradores, também os responsáveis pelo prédio serão chamados à responsabilidade, inclusive, com relação às pessoas que ali residem ou têm apartamentos alugados, devendo todos serem cadastrados".

"Terão os responsáveis pelo edifício a obrigação de saber quais as pessoas que freqüentam diariamente o imóvel, assim como controlar e procurar evitar que atentem contra a moral".

"O policiamento será efetuado durante os dias da semana, e de maneira mais rigorosa nos sábados e domingos, quando a freqüência de pessoas estranhas é mais intensa".

BARRA PESADA

E que pensa o pai de Fernando? "Meu filho não vale nada, ele só vive metido em confusões, esteve inclusive envolvido em vários casos de assaltos e outros tipos de desordens. Só não posso é afirmar que ele matou ou não o médico. Meu filho há mais de três anos que desapareceu de casa".

Chega o dia 9 e tudo fica cada vez mais claro.

O delegado Barbosa diz que "pelas provas encontradas até agora, e através do depoimento das testemunhas, Fernando é o assassino."

O padre César fala coisas novas: "Já tive um caso com Fernando, mas se ele é acusado de matar o médico e não aparecer, é porque tem culpa de alguma coisa. Se ele fosse mesmo inocente, não estaria desaparecido, com toda a polícia à sua procura".

AINDA A MORTE DE BAMBA

Dia 14, na Delegacia de Homicídios, Jorge Luiz Mafra, ascensorista do Holliday, aponta os recém-detidos Marcos Ribeiro e Célio Pereira, como possíveis matadores de **Bamba**, pois estavam no apartamento do músico na hora do assassinato. Sabe-se, então, que Fernando, provável matador de **Marquinhos**, fugiu do Recife para Natal, logo após o crime, com ele viajando seus amigos Marcos Ribeiro e Célio Pereira. Será uma rede criminosa?

PRISÃO E CONFISSÃO

Confirmada a prisão, dia 11, em Canguaretama (RN), por policiais da DH/Recife, de Fernando Ferreira da Silva, detido na Secretaria de Segurança Pública (PE) desde essa data. A polícia nada informa, alegando que "o suspeito é de menor idade".

Fernando confessa ter assassinado **Marquinhos**, que o andava paquerando, e confirma ser **caso** do padre César. Segundo a própria polícia, o assassino "está muito machucado", por quê? Quem o machucou?

O jovem afirma ter conhecido **Marquinhos** em São João de Meriti, no fim de 79. E diz que, depois do crime (várias pancadas, com um por-rete, na cabeça da vítima), lavou as mãos, roubou dinheiro, documentos e talões de cheques, fugiu com o carro do médico, e começou seu passeio por Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, sucessivamente acompanhado por **Zeca**, Maurílio, Marcos, Célio, Roberto César, Mário Amorim, Mário Zuza e **Nem**.

DE MÃO EM MÃO

Geraldo Rosa e Silva, administrador do Holliday, denuncia afinal Fernando como **michê** profissional, aponta uma grande amizade com **Chiquinho**, confirma que Fernando estava ultimamente morando com **Marquinhos**, e atesta que o assassino confesso saiu do 415 depois do crime.

Finalmente, Fernando é entregue ao Juizado de Menores, sob responsabilidade do delegado Vicente Burgos, por decisão do Nelson Ribeiro, Juiz de Menores. As autoridades continuam recusando mostrar o acusado e prosseguem desmentindo que ele tenha recebido maus-tratos, como confirma o promotor Reginaldo Vieira.

E a polícia adianta que Fernando "poderá ter qualquer ligação com a morte de Bamba, ou ser mesmo o matador do pianista".

E CHEGAMOS A MAIS UM IMPASSE

O Instituto de Medicina Legal noticia que Fernando tem 16 anos, idade confirmada por Vicente, seu pai.

De repente, parece que tudo parou, que o processo congelou. A polícia entregou o caso ao Juizado de Menores, e este diz, dia 15, não ter ainda recebido os autos do inquérito, além de só saber das coisas através da imprensa...

Será que, mais uma vez, um assassinato de um homossexual vai ser "esquecido"? Será que Fernando voltará às ruas em breve? Tudo pode acontecer, não?! Afinal, não dizem tantos cavalheiros que **bicha tem mais é que morrer?**

Ainda ninguém tinha se recomposto do choque causado pela morte de **Marquinhos** e já outro homossexual era assassinado em Recife: Emanuel Dias Ferreira, com um tiro no coração. Com o habitual sensacionalismo, a imprensa marron pernambucana logo apontou um criminoso: o médico analista Maurílio Almeida, da Paraíba. O crime aconteceu na madrugada de 25 de agosto, quando a vítima ia entrando em casa. Posteriormente, a própria polícia inocentou o paraibano, tudo levando a crer que o matador teria sido um menor.

Embora desconhecendo a causa do assassinato, a Delegacia de Homicídios sugeriu que ele tivesse relação com tráfico de drogas, pois o matador seria um toxicômano. E lá vem o colunista Nélson Chaves, do **Diário de Pernambuco**, dizer que "o homossexualismo é sempre acompanhado de tóxico: andam juntos", ao mesmo tempo que pede, em nome "da sociedade e das famílias", que a repressão se abata sobre nós, bichas e lésbicas; e se se limitasse a falar de comida, caro senhor Chaves??? Enquanto não provar o que afirma, aí vai nosso rótulo para você: MENTIROSO! **(João Carneiro)**

Mulheres assassinadas: a história de sempre

Lembro-me, a propósito, dos recentes crimes praticados em Minas, São Paulo e Paraná, em que as vítimas foram esposas infelizes e os assassinos maridos possessivos, de uma cena presenciada por mim, há muitos anos atrás, num beco do Recife. Uma famosa atriz, hoje ainda famosa. E com mais de 50 anos, sendo violentamente surrada pelo seu marido de então, diante de uma platéia de indiferentes machões. Depois que ela apanhou até desmaiar (o marido deixou-a lá caída, e foi embora), a únida reação de um deles foi gritar: "A boneca loura está rolando pelas ruas!" É isso aí: no caso dos crimes supostamente passionais, a história é sempre a mesma. Por isso, em vez de fazer uma nova reportagem sobre os casos recentes, eu simplesmente publico, aqui, matéria que fiz no ano de 1978, quando outra epidemia machista resultou na morte de várias mulheres casadas no Rio de Janeiro. Leiam e vejam como nada mudou. (Aguinaldo Silva)

No dia 22 de agosto passado G.G., 40 anos, saiu de casa em Icaraí, Niterói, ao entardecer, para ir buscar a filha num colégio próximo, mas não chegou a lugar nenhum: seu corpo só seria encontrado uma semana depois, com uma marca de paulada na cabeça, um bolo de pano enfiado na garganta e marcas evidentes de torturas, inclusive pontapés nos orgãos genitais. Só de porta-seios, ela tinha um capuz na cabeça, feito com uma das pernas da calça que vestia. A outra parte da calça lhe amarrava os pés, e as mãos estava presas por cordas. Além do rolo de pano enfiado na garganta, os legistas encontraram uma mordaça em sua boca.

Na primeira versão apresentada para a sua morte, G. teria sido vítima de "maniacos sexuais". A fortalecer essa tese a polícia apresentava os seguintes argumentos: o lugar onde estava o corpo, um terreno baldio no Morro do Caniço, em Niterói, é "ponto de reunião de viciados e marginais"; o espaço de tempo entre sua saída de casa e a hora da morte foi pequeno — apenas duas horas —, o que indicaria que ela foi sumariamente atacada. Mas o detalhe mais importante — se ela sofreu ou não violência sexual — não chegou a ser levantado, "por causa do adiantado estado de putrefação do corpo". A possibilidade de um assalto foi totalmente afastada porque no dia seguinte ao seu desaparecimento, alertada pelo marido, a polícia passou a procurar G. e encontrou seu carro, um Chevette, no qual estava tudo o que ela levara consigo ao sair de casa, inclusive o dinheiro.

No dia 29 de agosto, quando os jornais começaram a noticiar a morte de G., ela ainda era uma vítima. Casada, mãe de dois filhos, "excelente dona-de-casa", vivendo somente para a família", segundo seus amigos — levando, portanto, uma vida estável e tranqüila —, nada fizera, nesta primeira versão do caso apresentado aos leitores dos jornais, que justificasse uma morte tão brutal. Mas dois dias depois essa história inicial já começaria a mudar. Alguns indícios de que ela levava uma vida amorosa extraconjugal, e a posição de grande vítima em que se colocou seu marido, eram claros indicadores de que, no futuro processo em que se transformará o caso, R. C. G., o marido de G., merecerá o tratamento habitualmente reservado pela justiça aos maridos ultrajados, caso venha a ser considerado suspeito de ligação com o crime, por motivo passional.

"O homicídio passional ou crime por amor, como também é conhecido, é um velho eufemismo que vem fazendo vítimas — e a fama e a fortuna de muitos advogados e promotores que trabalham no Júri no Brasil — há muito tempo. A ficção jurídica que tem permitido a absolvição dos réus em muitos desses casos, principalmente homens, é a chamada "legítima defesa da honra", que não se encontra definida em nenhum artigo de nossos códigos penais". (Marisa Corrêa, socióloga).

Mas será que é uma prática comum do sistema aplicar, nos casos de crimes passionais em que a vítima é mulher, um tratamento especial ao criminoso? Antes de tudo é preciso ver — sempre seguindo a leitura dos jornais, o que provoca esse tipo de crimes. Ainda no mês de agosto, e no Rio: H.F. da S. foi achada morta de madrugada, num ponto de ônibus perto do conjunto residencial em que morava, com um tiro na cabeça. Ao seu lado, uma sacola com todas as suas coisas, inclusive a certidão de nascimento e um vidro do perfume **Toque de Amor**. Segundo seus vizinhos, na noite anterior, ela tivera uma briga violenta com o amante, quinze anos mais velho (H. tinha vinte anos), e aparentemente saíra de casa para não mais voltar. O amante desapareceu; Z.A. levou uma surra violenta do marido e dois cunhados e acabou hospitalizada; o motivo da agressão: eles desconfiavam de suas idas semanais a Caxias, onde ia visitar uma irmã, e achavam que, em vez de irmã, havia "outro homem em sua vida"; A.M.L. foi mantida durante cinco dias em cárcere privado pelo amante, depois que este descobriu que ela "o traía"; foi salva pelos vizinhos, que atenderam gritos e a encontraram faminta, semi-histérica e cheia de equimoses, conseqüência da surra que ele lhe aplicara antes de trancá-la no apartamento em que viviam e desaparecer.

Note-se, portanto, que em relação à mulher adúltera, ou simplesmente suspeita de tal coisa, o castigo "começa em casa"; o homem com quem ela vivia, que se considera seu dono e senhor, e portanto acha-se no direito — e na obrigação, já que este é um poder que lhe é delegado pelo sistema — de controlar até seus sentimentos, à simples suspeita convoca os seus pares — é o caso de Z.A. — para aplicar a punição exemplar. Esta pode ir ao extremo: o assassinato, como aconteceu com H. ou, supostamente, com G. Neste caso, constrói-se em torno do provável "pecado" da mulher toda uma história que constará do processo a que o criminoso responderá, e que acabará por beneficiá-lo, conforme explica Marisa Corrêa:

"Antes de chegar a uma decisão final, o processo de um crime percorre longos caminhos burocráticos, passando através de um aparelho policial e jurídico que serve de tradutor entre os atos iniciais e a versão que será finalmente escrita deles, os autos. A escolha dos elementos a incluir ou eliminar de um caso é em parte determinada pelo código que regula o comportamento das pessoas em nossa sociedade, traçando os limites entre o lícito e o ilícito (o Código Penal), e pelo código que regula minuciosamente a montagem de um processo (o Código de Processo Penal). Mas é também determinada pela atividade, ou inatividade, de seus operadores, que poderíamos chamar de "manipuladores técnicos", aqueles homens que sabem exatamente quais os passos a dar para enquadrar um determinado crime numa categoria legal específica, para obter resultado desejado. A realidade que um processo se propõe a explicar é em primeiro lugar fragmentada, desde o momento em que agentes estranhos a ela assumem o seu controle, e em seguida remontada, conforme um novo modelo, um novo plano, de onde emergirá uma história possível. Os fatos originais assim traduzidos pelos encarregados de montar o processo receberão um cunho de semelhança com situações possíveis de serem experimentadas pelos julgadores, isto é, suas crenças, valores, usos e costumes.

Nos processos referentes a crimes passionais, a história a ser montada de acordo com essa crença, valores, usos e costumes é aquela destinada a reafirmar chavões como este: a mulher é fraca, leviana e sem caráter; o homem é responsável e trabalhador. É por isso que, no caso de G.G., a simples suspeita de que ela poderia ter sido vítima de um crime passional alterou toda a orientação até então dada às investigações; a morte em si deixou de ter importância, para que se chamasse a atenção sobre fatos como estes: ela era muito vaidosa; ela saía de casa com freqüência, ao volante do seu carro; ela recebia, em casa, na ausência do marido, um amigo da família, o despachante H. M., a quem, segundo a empregada Z. F. R., teria beijado várias vezes, sendo numa destas flagrada pelo próprio marido, que, indignado, comentou: "Mas vocês não respeitam mais nem a minha casa?" (Outro chavão;: o lar sacrosanto). Chamou-se a atenção, com ênfase demasiada, para o fato de que um vizinho reconheceu o seu corpo seminu quando ela ainda estava encapuzada (ele aumentou a confusão ao dizer à polícia que a reconheceu pelos sapatos); criou-se, enfim, todo um clima destinado a explicar previamente o crime passional: se este tiver ocorrido, foi apenas porque G. o merecia."

Temos aí reunidos, portanto, todos os elementos destinados a orientar a formação de um processo, no caso de confirmada a suspeita de crime por vingança, de origem passional, para a morte de G.: uma mulher que se comportava de modo mais ou menos independente em relação ao marido; este, um homem responsável, digno de respeito dos seus pares e capaz de apresentar, em sua defesa, não apenas o testemunho de cidadãos comuns, mas também daqueles que são lídimos defensores da lei e da ordem; uma testemunha — a empregada Z — que não precisava ser rigorosamente clara em suas declarações — basta apenas que, de modo confuso, lance no ar a semente da suspeita; e, finalmente, o outro: uma figura que poderá nem mesmo aparecer ao vivo ao longo do processo, já que o importante não é o adultério em si; nestes casos, basta a confirmação da suspeita. Sobre isto, Marisa Corrêa, que orientou uma pesquisa feita em Campinas, abrangendo vinte anos de julgamentos de homens que mataram suas mulheres (**Os atos e os autos, representações jurídicas de papéis sexuais,** da Universidade Estadual de Campinas, 1975), tem a dizer o seguinte:

"**Em Campinas,** no período estudado, trinta e cinco homens foram levados a julgamento pelo tribunal do júri, acusados da morte ou da tentativa da morte de suas companheiras — esposas, amantes, noivas ou namoradas. Os acusados condenados a penas mais leves, até sete anos de prisão (o que significa a possibilidade de liberdade condicional em três anos e meio) são aqueles que contam ter assassinado suas companheiras pela suspeita de que elas lhes fossem infiéis. Isto é, este é o argumento utilizado pelo advogado na apresentação do caso, porque nenhuma mulher foi morta em presença do suposto amante, e a suspeita do acusado em relação a ela nasce muitas vezes após uma conversa com seu advogado. O terceiro personagem — o outro — é parte importante do argumento porque ele é quem concretiza a ameaça a um arranjo supostamente sólido — o casamento — até sua aparição. Curiosamente, em apenas um caso ele apareceu pessoalmente para confirmar as suspeitas do acusado; em todos os outros foi apenas mencionado pelas testemunhas de defesa, amigos **ou vizinhos do acusado, empregados ou crianças da casa**".

"Em segundo lugar — prossegue Marisa —, o acusado deverá provar que é um homem honrado: tem um emprego estável, é um cidadão sem mácula, isto é, sem ficha na polícia nem atos que o desabonem perante os olhos dos seus concidadãos. Isto será comprovado, através de maior ou menor número, conforme a importância do réu, de depoimentos de membros insuspeitos da comunidade que o conheçam — **seu patrão,** o pastor de sua igreja etc. Isto quanto ao acusado. A vítima por sua vez deverá preencher um número de atributos negativos na mesma proporção em que o acusado foi incensado. **Ela será** descrito em geral como "uma mulher muito independente", ou porque trabalhasse fora de casa e chegasse muito tarde, ou porque saía sozinha com freqüência, além, é claro, de ter um amante. As testemunhas dirão que "sua vaidade era excessiva para uma senhora casada e mãe de família", por exemplo, e será lembrado o número de pares de sapatos que possuía, a freqüência com que trocava seus trajes ou a **maneira** como se pintava, tudo isso como indicadores da vaidade citada, sendo esta a prova da traição; para quem se enfeitava uma mulher casada senão para um amante? É claro que esses sinais de independência variam com o decorrer do tempo: num caso de vinte anos atrás, o próprio juiz duvidou da inocência de uma acusada em sua sentença porque ela se referia ao seu suposto amante sem chama-lo de **Senhor,** o que demonstrava uma intimidade descabida entre ambos."

A família da vítima poderá ser também envolvida na história, acusada de protegê-la em sua "má vida", ou de ter também, "baixos padrões morais", diz Marisa. Num dos casos levantados em sua pesquisa, por exemplo, "estabeleceu-se o claro contraste entre a família da morta composta de "**mulheres que nunca conheceram** um lar **constituído", e a de seu assassino, compo**sta de homens que velam pela aplicação das leis, inclusive inclitos magistrados". No caso de G., embora não se tenha falado em sua família, já na fase de inquérito surge essa tendência a mostrar o possível suspeito, sua família e seus amigos, como pessoas dignas de crédito: R., o marido, tem sempre a sua profissão — dentista — lembrada; o mesmo acontece com seu irmão, G., ou com seus amigos: o Capitão M., o Coronel L., um seu vizinho "subsecretário do governo", etc.

Marisa Corrêa: "A observação dos casos de condenação — ou de casos em que são mulheres as acusadas — apenas reforça o traçado desta figura que deve ser completamente preenchida para que o resultado seja uma absolvição. Sejam quais forem as variações, as gradações apresentadas, que irão de certa maneira incidir sobre a gradação das penas dos acusados, estes três elementos terão sido postos em jogo pelos agentes jurídicos: o trabalho do homem, a fidelidade da mulher, o vínculo que os une. Os acusados condenados, ou preenchem de maneira imcompleta o desenho esperado, previsto nas leis, reforçado através dos processos e enfatizados nas decisões, previsto nas leis, reforçado através dos processos e enfatizados nas decisões, ou o negam inteiramente. Porque os agentes jurídicos não questionam o desenho, apenas o reforçam, e renovam. À sua coleção de metáforas, poderíamos acrescentar uma, nascida da observação de sua maneira de ordenar o mundo, e que lhes parece servir de emblema: continuam matando-se entre si que sempre saberemos julgá-los entre nós".

Dez dias após achar o cadáver, o delegado M.L., da 77ª delegacia, ainda não chegara a uma conclusão sobre a morte de G. Segundo ele, as investigações estavam "tumultuadas, porque existiam pressões de todos os lados". Quanto à parte técnica, no entanto, tudo estava bem **claro,** segundo o legista A.S., diretor do Instituto Afrânio Peixoto, de Niterói, "a pessoa que espancou G.G. pode ser um profissional, porque sabia bater sem deixar escoriações externas"; esse comentário vai de encontro à tese de crime sexual, que, tudo indicava na primeira semana de setembro, iria prevalecer. De qualquer modo, vítima de maníacos sexuais ou de crime por vingança de origem passional, G. já foi devidamente condenada pelos que, ao tentar justificar sua morte, **reafirmaram** mitos destinados a manter a mulher no seu lugar; a vaidade, a fraqueza de caráter, a leviandade, a independência como sinal evidente de pouca vergonha; mitos que permitem, no mínimo, que a investigação policial de casos como o seu relegado a um segundo plano. Basta dar uma olhada nos próprios livros, de registros da **delegacia** à qual está ligado o caso — a 77ª DP, em Niterói, para ver que violências desse tipo contra mulheres são coisas de rotina.

Dois meses antes da morte de G., M.I.G., 25 anos, foi achada morta na praia de Piratininga, com os mesmos sinais de violência: um mês antes, I.M. 28 anos foi espancada e torturada no mesmo local onde G. apareceu morta. Ela conseguiu sobreviver porque seus três agressores fugiram quando uma pessoa passava pelo local. Esta pessoa a encontrou nua e amarrada; em Itaboraí — cidade vizinha a Niterói —, 13 dias antes do desaparecimento de G., foi encontrado o corpo de uma mulher — "parda, 23 anos pressumíveis", segundo o registro policial — com as mesmas características: foi brutalmente torturada e morta. É possível reunir todos estes casos numa única investigação? A resposta é sim; afinal, pode-se sempre minimizar o assassínio de uma mulher, lembrando que ela é vítima natural de um imprevisto, que pode acontecer em suas vidas tão repentinamente quanto à gravidez: o ataque de um tarado.

Assim, para o delegado M.L., as três mulheres acima citadas foram vítimas de "um grupo de maníacos sexuais que vem agindo há quatro meses em Niterói". E será neste arquivo morto e cômodo que o corpo de G. será lançado, caso não prevaleça — o que é praticamente certo — a hipótese de crime por vingança.

REPORTAGEM

Lecy Brandão vai à luta contra o racismo

Confundidos com duas ermpregadas domésticas, pelo fato de serem negras, a cantora e compositora Leci Brandão e sua mãe D. Leci Assumpção Brandão, foram barradas no último dia 18 de agosto, na entrada social do Prédio Portal do Parque, situado na rua Dr. Otávio Kelly, na Tijuca. Arlindo Henrique da Silva, porteiro do prédio, dizendo cumprir ordens do síndico, grosseiramente indicou a entrada de serviço para Leci e sua mãe que indignadas iniciaram uma grande discussão que resultou em tapas e palavrões, terminando na 19ª Delegacia de Polícia com a autuação de Arlindo.

Leci havia saído de casa para levar sua mãe à residência de uma amiga que mora na rua Dr. Otávio Kelly, 114, no Rio de Janeiro. Chegando lá, **"estacionei o carro na calçada e me dirigi ao prédio, que tem uma portaria toda de vidro. Aí o porteiro que estava do lado de dentro levantou-se e perguntou o que eu queria. Disse que queria falar com o apartamento 602, foi quando verifiquei que havia um interfone na porta. Apertei a tecla do 602, me identifiquei e então foi dada a ordem para que eu e minha mãe subíssemos. O porteiro quando ouviu a autorização fechou a porta, apertou um botão e mandou que fôssemos pela porta de serviço, que ficava na garagem."**

Achando estranha a situação, Leci tenta conversar com o porteiro. **"Por que eu tenho de entrar pela porta de serviço, se sou amiga da família?"** E foi entrando pela porta social, quando o porteiro resistiu e retrucou: "Eu sei lá se vocês são empregadas. Vocês são negras!!" Leci irritou-se e exigiu respeito para com sua mãe e foi logo perguntando se Arlindo era racista. **"Qual é a tua?"** Aí começa uma intensa discussão. **"Eu cheguei disse pra ele calar a boca, porque senão a coisa não ia ficar assim e que eu ia tomar uma atitude de maior resultado. Foi quando parti pra cima dele. Ele revidou e a minha mãe ficou no meio, foi uma confusão danada."**

Neste momento, um cara que encontrava-se dentro do prédio, e que observou todo o acontecimento, interveio e disse que conhecia Leci. Pediu desculpas e permitiu sua entrada. Chegando no apartamento da amiga de sua mãe, Leci relatou o acontecido e imediatamente ficou sabendo que o cara que a reconheceu na portaria era o síndico do prédio. Minutos depois o síndico se encontrava no apartamento pedindo novas desculpas, dizendo que o porteiro era um analfabeto e que seria incapaz de reconhecê-la. Leci se irrita novamente e diz: **"Eu não estou discutindo pelo fato de eu ser Leci Brandão. Eu estou discutindo pelo fato dele ter barrado um ser humano de cor negra, que de repente foi tomado por não sei o que e mandando subir pela garagem."**

Em seguida, Leci entra em contato com alguns amigos e decide registrar a queixa, estando uma hora depois na 19ª Delegacia. O Delegado Milton Lopes da Costa resolve chamar o porteiro para prestar esclarecimentos, ficando claro em seu depoimento que o ato deveu-se à discriminação racial. Foi aberto um inquérito, já que a Lei Afonso Arinos não prevê punições para discriminação racial em condomínios, sendo Arlindo enquadrado no art. 146 da Lei das Contravenções Penais, que prevê punição para quem obriga uma pessoa a fazer o que não quer, mediante violência ou grave ameaça.

Depois, mais calma, Leci conversa com a Imprensa e dá um pequeno depoimento sobre o racismo no Brasil:

— Nunca fui racista, pois afinal de contas meus avós são portugueses, brancos. Sempre fui contra os elementos negros radicais e eles me cobram uma posição, dizendo que sou acomodada. Mas agora, depois de ter vivido o problema na pele, é provável que eu possa até mudar minha postura, especialmente com relação a minha carreira, quando se sabe que o meu trabalho é feito com muita emoção. Com isso posso ir até para o lado dos negros radicais, numa reavaliação de posturas anteriores.

Leci prossegue falando da Lei Afonso Arinos (uma lei que foi criada para notabilizar seu criador e arregimentar votos da população negra):

— Acho que a Lei Afonso Arinos tem de ser reformulada, e não ser aplicada apenas aos casos de racismo em locais público. Aconteceu comigo que sou conhecida, aconteceu com uma Glória Maria e eu pergunto: E as pessoas que são desconhecidas e que sofrem dicrinação a todo instante? Ninguém resolve nada e a coisa morre. Quanto ao porteiro, depois de passar a raiva, cheguei a ficar com pena do infeliz, pois ele é o menos culpado.

O processo continua em andamento com o recolhimento de depoimentos dos envolvidos e testemunhas, agora é sentar e esperar, pois se tudo correr como em outros processos por discriminação racial, é certo que ninguém será punido e que mais uma vez ficará patente a incapacidade da justiça em garantir a igualdade de direitos entre os seres humanos, sejam eles de qualquer raça ou cor. (ACM)

Lecy: agora, uma posição menos moderada

Uma Lei Branca

Promulgada em 3 de julho de 1951, no Governo de Getúlio Vargas, a Lei Afonso Arinos, de nº 1390, passou a incluir entre as Contravenções Penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça ou de cor. Em termos técnicos e jurídico, ela pode ser considerada como uma das piores leis do Código Penal Brasileiro, pois não garante efetivamente a punição dos que nela são enquadrados e omite vários pontos onde a discriminação racial possa ser detectada.

Apresentada ao Congresso Nacional pelo ex-deputado da UDN (**União Democrática Nacional**), Afonso Arinos de Melo Franco, a Lei nº 1390 na realidade era resultado das sucessivas pressões caídas sobre o Governo e emanadas dos Movimentos Negros da época. A Lei que só serviu para evidenciar o racismo no Brasil, tinha objetivos ideológicos bem definidos ou seja: Esvaziar as reivindicações da população negra, que em 1945, em seu **1º Congresso Nacional do Negro Brasileiro,** realizado em São Paulo, havia decidido lutar por uma legislação contra as discriminações raciais e o preconceito de cor; freiar o crescente Movimento Negro e extrair proveitos políticos e eleitoreiros do resultado imediato da Lei. Tudo não passou de uma mera formalidade jurídica, um paliativo que na prática serviu apenas para angariar louros para os detentores do poder na época.

Quem se prontificar a analisar a Lei Afonso Arinos em seus nove artigos, certamente terá um ataque de risos ou então ficará bestificado com a quantidade de absurdos ali observados. A começar pelo art. 1º que relaciona situações onde haja recusa, por parte de estabelecimentos de ensino, comercial ou de qualquer natureza, em hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de cor, onde misteriosamente omitiu-se a pena para tal contravenção. Logo, ninguém será punido pela Lei se cometer qualquer uma das infrações prevista nesta disposição geral, e a prática tem confirmado isto.

Outro ponto bastante risível da Lei nº 1390 são os valores das multas a serem atribuídas em caso de sua aplicação. Não se sabe porque cargas d'água que em 1973, quando houve uma correção de todas as multas do Código Penal Brasileiro, devido as relíquias deixadas pelo Milagre Brasileiro, a única Lei, que não teve suas multas reajustadas foi justamente a Afonso Arinos, permanecendo com multas nos valores entre 50 centavos e 20 cruzeiros. Ora, qualquer um que fosse enquadrado nesta lei não se sentiria nem um pouco atingido ao pagar uma multa desta monta. Este fato vem mostrar o interesse que a cúpula governamental dispensa aos assuntos ligados à igualdade de direitos entre brancos e negros.

Estas são apenas duas das aberrações paridas pelo Sr. Afonso Arinos e que são capazes de tornar a situação pior do que se não houvesse a lei. Por outro lado a péssima redação e a desatualização do seu texto, leva grande parte dos juízes, que na sua maioria desconhecem esta lei, a um enorme vazio, pois em Direito Penal não é possível se fazer interpretações a cerca do texto da lei. É, por exemplo, o caso de Leci Brandão que foi barrada de entrar em um condomínio, coisa que em 1951 não existia, e que por isso teve de abrir inquérito policial baseado em outra lei que nada tem a ver com discriminação racial. Simplesmente não é possível que o juiz integre o fato de a discriminação ter ocorrido num espaço não previsto, em um dos nove artigos da lei.

Desde sua criação, várias pessoas foram autuadas com base nos vagos artigos desta ilusória lei e, pelo que se sabe, raros foram os casos onde sua eficiência fosse confirmada, ficando seus infratores livres de qualquer punição e prontos para novas e audaciosas investidas discriminatórias e racistas. Resta aos negros e aos seus movimentos jogar na lata de lixo este conjunto de artigos e parágrafos apócrifos que além de humilhar sua raça, só serviu para promover seu criador, um branco, e unidos lutarem não por uma mera formalidade legislativa, mas sim a efetiva igualdade de direitos entre brancos, pretos, amarelos, vermelhos, azuis e seres de qualquer outra cor. As manobras históricas de uma Lei Áurea ou de uma Afonso Arinos têm de ser desmascaradas e postas abaixo. E como nos versos finais de um poema de **Carlos Roberto dos Santos: Vamos arrancar com nossas mãos valiosas e negras,/melhor condição social e o respeito que nos é devido,/como seres humanos e como cidadãos./Das mãos brancas e polidas dos senhores ditos poderosos./Vamos à luta!!! (Antônio Carlos Moreira)**

ENTREVISTA

"Snob", "Le Femme"... Os bons tempos da imprensa guei

O que vivemos agora não surgiu por acaso. Em 1961, foi fundado o SNOB, que incentivou o surgimento de outros jornaizinhos **gays**, numa grande e pioneira cadeia de informações e intercâmbio. 27 publicações circularam na época. Destaques no Rio para: O SNOB, LE FEMME, SUBÚRBIO À NOITE e o Boletim da ALIANÇA DE ATIVISTAS HOMOSSEXUAIS, com trabalhos de pesquisa e análises sobre comportamentos sexuais.

Embora tenha sido, como o próprio Agildo Guimarães comenta, um trabalho ingênuo, não se pode deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive em seus recursos de impressão. Há verdadeiras obras de arte artesanais (jornais baianos com um único exemplar feito a mão — DI PAULA), outras mimeografadas, e GENTE GAY, o último (76), trazia reduções e reproduções de fotos por processo xerox e uma diagramação bem atual.

Se a maioria de seus textos versavam sobre amenidades e badalações sociais, também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charges, concursos de contos, poemas, roteiros **gays**, textos transcritos de jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar, e outros.

Lógico que essas publicações diferem muito dos jornais de hoje, mas também têm pontos em comum: é que essas pessoas fizeram o máximo, dentro de suas possibilidades, para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Tiveram dificuldades com família, trabalho e até com a repressão institucionalizada, mas não pararam. Então, não dá só pra gente criticar: eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual e sobre isso têm muito o que contar.

A entrevista foi feita na casa de Anuar Farah (uma verdadeira galeria de arte) e contou também com as presenças de Agildo Guimarães e Marcelo do Auê. Aos dois primeiros, nosso especial agradecimento por terem cedido seus arquivos de "nanicos **gays**", preciso material para o levantamento de nossa história. (**Leila Míccolis**)

L — **Eu queria saber como foi o trabalho de vocês naquela época, porque o pessoal às vezes pode pensar que as coisas só começaram a acontecer de 78 pra cá.**

AG — O jornal SNOB, pelo que eu conheço, foi o primeiro do Brasil dentro do ramo jornalístico dele. Começou com uma brincadeira, porque nós fizemos um concurso de Miss Traje Típico de Travesti, participamos, e quem esperávamos que ganhasse não ganhou; achamos uma injustiça e então, para protestar, partimos para um jornal, datilografado, numa folha só. Depois virou uma revista, com muitas páginas.

M — **Quando foi isso?**

AF — Em 61 eu cheguei ao Rio....

AG — É... deve ter sido em 59, 60...

AF — Quer dizer: nós já estamos protestando há mais de 20 anos...

AG — Então partiu daquela brincadeira, e como o negócio foi agradando, nós passamos para o mimeógrafo.

AF — É, porque de início era feito numa folha datilografada: tínhamos reuniões nas casas de cada um, onde líamos o que escrevíamos; daí fomos evoluindo.

AG — Nós tínhamos uma turma, o jornal saiu dela; depois começamos a distribuir nos lugares públicos, arranjamos representantes nos Estados (tínhamos colunas estaduais), e foi quando eu conheci o Anuar, ele é de Campos. Uma criatura incrível (não é confete não), somos grandes amigos, mas muitas vezes discordamos.

AF — E de uma briga surgiu o meu jornal...

AG — Bom: depois apareceram outros. Na Bahia, o "Fatos e Fofocas" do Di Paula...

AF — Que era um jornal todo feito à mão, um trabalho maravilhoso.

L — **Espera: você disse que de uma briga surgiu o seu jornal...**

AF — É, porque eu passei a não concordar com algumas coisas. As pessoas de fora vinham participar da turma e já queriam dar ordens... Aí fundei o jornal e cheguei a fazer uma espécie de "rivalidade" com o Agildo, tipo Emilinha e Marlene, mas por detrás de tudo isso éramos e somos grandes amigos.

L — **E qual era o seu jornal?**

AF — Era o Le Femme: "o" mulher. Nele eu resolvi lançar uma capa com fotografias. Porque o SNOB ainda era feito com desenho: botava o nome de fulana de tal, que às vezes não tinha nada a ver.

AG — Agora, a concorrência é uma coisa boa: depois surgiu o SUBÚRBIO À NOITE, um jornal muito bem desenhado.

AF — Era do Frank Casparelly.

AG — Em Niterói havia "O Estábulo", da Dalia Lavi. Então cada um foi procurando melhorar, não somente em desenhos, mas também em artigos. As capas do Anuar eram muito bonitas pelas fotografias: ele tirava fotos, depois fazia xerox e todos queriam posar ao vivo...

AF — Com isto me tornei um fotógrafo amador e acho que as melhores fotos de Camille e Rogéria foram feitas por mim. Inclusive, nosso jornal foi o primeiro do Rio a publicar Pelé, nu, tomando banho de chuveiro.

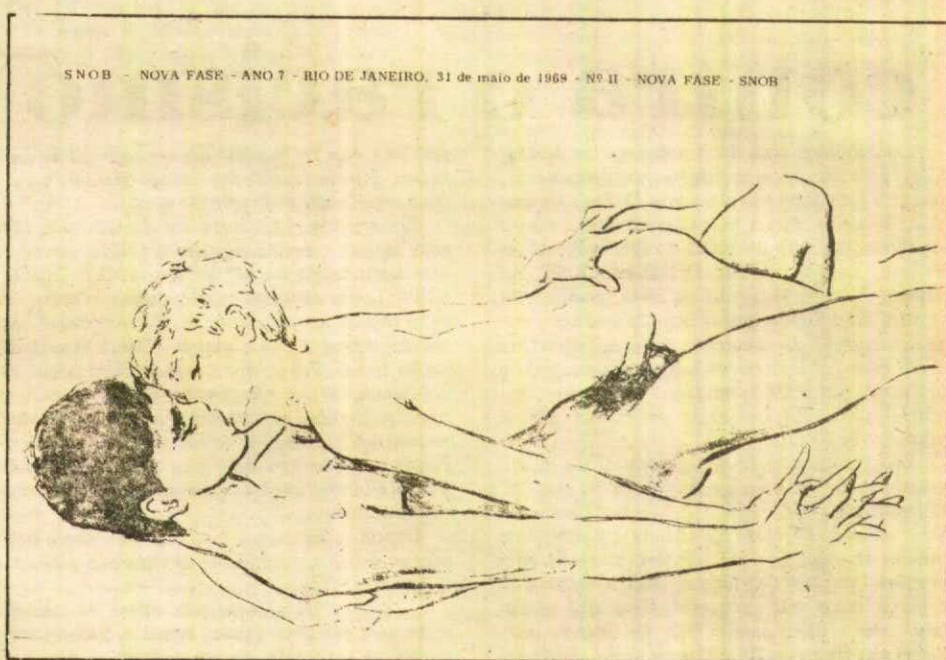
AG — Tínhamos ainda O FELINO, que era do Gato Preto.

AF — Um jornal de bolso...

AG — Ele ficou famoso pelas suas histórias em capítulos, era a Janete Clair da época (RISOS). Outro jornal de Niterói.

L — **Todos mimeografados?**

AF — É. Só o meu que era de xerox.

AG — Foram autênticos nanicos... Nós mesmos distribuimos, inclusive na época da Revolução...

AF — (Em tom irônico) Não fala em Revolução...

AG — Aí foi presa a Karina Borg...

AF — ... hoje famosa, maravilhosa, ela foi o mito negro dos anos 1960...

AG — Atualmente faz dublagem no Bifão.

AF — Ela foi presa naquelas batidas que davam nos estudantes e como estava com um SNOB, eles apreenderam o jornal, leram e liberaram.

AG — Sim: naquela época fazíamos trocas de jornais com os nossos concorrentes...

L — **Então vocês tinham grande intercâmbio...**

AG — Tínhamos, inclusive era um movimento social incrível como uma Riotur, porque no nosso calendário **gay** havia datas importantíssimas: Miss Inverno, Miss Snob...

AF — Esse Miss Brasil que se faz no Carlos Gomes, nós já fazíamos antes, em Niterói. .

L — **E vocês pararam com os jornais por que?**

AG — Paramos no período da Revolução...

AF — ... para ver o que ia acontecer...

L — **Vocês tiveram algum problema de repressão?**

AF — Quando Karina foi presa com o jornal, eu fui convidado ir ao DOPS, esclareci, mas não havia problema nenhum. Eles acharam interessante o jornal (risos)...

AG — ... Naturalmente tinha leitores lá dentro... (novos risos). Mas quando voltamos outra vez, então aí já dei o nome do jornal de GENTE GAY.

M — **Quando foi isso?**

AF — Depois da Revolução, em 76.

AG — Um pouquinho antes do Lampião.

AF — Aí, já "assumidos" (olha, você não imagina o pavor que eu tenho desta palavra, saiu sem querer), voltamos com nossos nomes.

L — **Qual era o seu pseudônimo?**

AF — É segredo... (insisti muito, ele contou, mas juro que serei um túmulo)...

AG — Então, teve um momento em que resolvemos "assumir", como ele disse. Fizemos uma campanha para adotar outros nomes que não fossem de mulheres.

M — **E adiantou?**

AG — Não muito... elas são teimosas... Assim houve esse intervalo e apareceu o GENTE GAY, primeiro pequenino, mimeografado, depois com xerox. Anuar fotografava. Tinha inclusive fotos de nus frontais. Mas em Salvador, a turma que também tinha voltado a ativar foi chamada, aí resolvemos por folhinhas em cima do sexo, pra despistar.

AF — A parte mais intelectual do jornal ficava com Agildo. Ele não gosta que se fale nisso, mas numa hora ele foi líder nacional, sem dúvida, criou-se o mito em torno do seu nome.

L — **E em termos dos jornais de outros Estados?**

AG — Salvador era nosso maior contato: Di Paula, Orlando Andrade. Tínhamos em Minas, Manaus (o Ângelo — Angélica Hoffman). O DARLING, do subúrbio do Rio, era da Georgette de la Cruz. O CENTRO, da Betty Taylor, um jor-

ENTREVISTA

nal muito desbocado, tipo Dercy Gonçalves. SP, engraçado, era um dos Estados de que nunca consegui me aproximar, sei lá porque. Somente há pouco com o Celso Curi, é que tivemos maior contato.

L — E sobre o último jornal de vocês?

AF — Chegamos a fazer o GENTE GAY impresso, saíram dois números, com tiragem de mil exemplares. Mas não continuamos porque não tínhamos uma estrutura comercial (propaganda, distribuição), ele só era vendido em poucas bancas, cidade e Copacabana. Dava prejuízo.

AG — Interessante também eram os troféus: o Snobel (que era o meu — SNOB + NOBEL), Nefertiti, o do CENTRO, Berimbau de Ouro, de Salvador, Lanterna de Ouro, do SUBÚRBIO À NOITE. O Frank, sempre com mania de nobreza, concedia comendas: segundo os graus elas iam subindo. Mas só recebia quem estivesse presente. Como faltei a uma festa em que eu ia subir de grau, acabei por nunca receber nem o troféu... até hoje...

M — Anuar, a primeira vez que ouvi falar de você foi lendo a coluna da Glorinha Pereira, como é o seu relacionamento com ela?

AF — Maravilhoso, gosto muito dela, eu a curto como jornalista, porque era muito audaciosa na coluna e eu faço essa linha assim, arrojada, eu gostava muito de escrever com duplo sentido, tem de ter um pouquinho de pimenta, é isso o que falta no seu jornal, uma coisa gaiatosa pra agradar. E ela fazia esse gênero.

AG — Conta a Noite das Celebridades.

(NESTA PARTE ANUAR DETALHOU A FESTIVIDADE, INCLUSIVE AS COMENDAS, TODAS EM PEDRAS VERDES DE DOIS TONS: COPA E ÁGUA. OS HOMENAGEADOS DEIXAVAM MOLDES DE SUAS MÃOS NO CIMENTO).

AF — Depois, nós fizemos um buraco no chão, colocamos num tipo de arca do futuro todos os jornais e enterramos no quintal da casa. Pois, construíram um edifício, e para cúmulo da falta de sorte, no lugar do baú ficou a área de serviço...

AG — Ele queria que quando escavassem, descobrissem que ali houve uma reunião de homossexuais... Está enterrado até hoje... Fica na Rua Barão do Amazonas, em Niterói.

L — Além desta, vocês fizeram alguma outra tentativa de reunir o material editado?

AG — Há quatro anos atrás, na casa de um amigo nosso, no Estácio, num fim de semana (foi até o Frank quem organizou) fizemos uma mostra de todo o trabalho: não só dos jornais, mas dos nossos mimeógrafos, troféus, enfim, acabou sendo uma espécie de museu. Foi muito interessante.

L — E a repressão social?

AF — Bom, nessa nossa batalha por um lugar ao sol, eu já tive muitos tipos de problemas por causa do jornal: com amigos, com casos, com família. Agildo, inclusive, teve um muito sério.

AG — Eu trabalhava no Vale do Rio Doce e fazia o jornal lá; eu ficava a título de trabalhar mais e quanto todos saíam eu datilografava o jornal. Mas esqueci um dia na minha gaveta e descobriram. Também não fizeram nada demais, só me mandaram embora.

M — Nada de mais? ... Mais do que isso?

AG — Eu digo assim porque pensei que eles fossem me chamar a atenção, gritar, brigar, naquela época era uma coisa horrível, um escândalo ser homossexual...

L — Ao menos eles devolveram?

AF — Devolveram... o jornal saiu no dia certo. Agora: uma coisa me deixava muito chocado: é quando diziam: "ah, isso é coisa de bichinha". O que é que nosso jornal tem de bichinha? Só porque fala em travesti? Ele sempre teve uma linha.

M — A própria frase: "isso é coisa de bichinha", é preconceituosa...

L — Sobre o movimento homossexual, vocês estão a par?

AF — O que é movimento homossexual? Meia dúzia de viados escandalosos, no meio da rua, com tabuletas, "queremos igualdade, queremos aquilo, eleger fulano, abaixo isso?"... Acho uma anarquia. Agora: se movimento homossexual é esta liberdade que nós temos hoje, essa motivação, esse trabalho honesto que fizemos, você vai ao teatro assiste atuações como as da Camile, da Rogéria, você liga televisão vê textos maravilhosos como o Crime do Castiçal, pega o jornal de vocês e encontra coisas sensacionais, realmente honestas, então isso é o movimento. Mas tem gente que diz que estamos trancados dentro de uma garrafa. Isso é ridículo. Acho que nós estamos atuantes, estamos aí, todo mundo pela rua, um movimento incrível, tudo o que se faz é honesto, aí eu acredito; agora essa questão de política não, não aceito, não existe mesmo.

(AÍ HOUVE UM INTERVALO, PORQUE MARCELO, "FERIDO NOS BRIOS", FEZ UM ENORME RELATÓRIO DO ATUAL MOVIMENTO HOMOSSEXUAL. DEPOIS PROSSEGUIMOS):

L — E a turma OK?

AG — Bem, agora é no Centro, está aqui no Bairro de Fátima, mas era primeiro em Copacabana. Pra poder entrar tinha até votação inicial. Ela é da mesma época do SNOB, mas eu não sou sócio fundador. Justamente porque eu fazia parte do jornal é que eles me convidaram e eu fui aceito lá na turma deles. Mas não fazem como vocês que se reúnem para debater um tema: eles se juntam na casa de um, lêem o jornal deles, uma página, debatem o assunto, têm uma colaboração financeira e um patrono ou patronesse da noite, encarregado dos comes e bebes.

L — Agora me fale sobre os lugares de pegação da época?

AG — Havia a Bolsa de Valores, em frente ao Copacabana Pálace. É a mesma coisa de hoje, mas com muita celebridade.

O SNOB era distribuído lá. Lembro-me de uma curra que a Baianinha levou. Terrível. Inclusive um bando de bofes batendo em tudo que era viado e mulher que estivesse com eles. Também tinha o Alcazar, em Copacabana, o Alfredão... e no Edifício Central era onde se reunia o nosso jornal, porque o pessoal do subúrbio ficava ali naquela turminha.

L — O Alfredão não era mais para mulheres?

AF — No começo não, teve até o casamento da Marqueza, o primeiro travesti a se casar.

L — Quando isso?

AF — Ah.. você nem havia nascido...

AG — E a Cinelândia é a eterna Cinelândia...

AF — Nós nos reunimos mais em casas. Sempre uma recepção, uma festinha na residência de um. Naquela época era muito difícil, agora sim, o pessoal está ganhando dinheiro nas costas dos gays, boates faturando...

AG — Por falar em boates, havia uma na Galeria Ritz, aquela sim, era só de mulheres...

L — E a ABIG — Associação Brasileira de Imprensa Gay?

AF — Nós fundamos a ABIG com todos os jornais gays editados no Brasil. Eu fui o primeiro presidente, depois o Thula Morgani... Aliás, era a época em que nos chamávamos por nomes femininos, porque cada um tinha responsabilidade no seu trabalho, hoje ninguém mais se preocupa com isso, é tudo normal. Thula Morgani é um dos melhores maquiadores do Rio: o Gilly. A ABIG durou de 62 a 64. Depois veio a Revolução e acabou.

L — Lá vocês predentiam só reunir as publicações ou lutar por alguma coisa?

AF — Não, a ABIG foi feita para lutar, porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas as outras faziam. Normais sempre fomos, sem diferenças.

AG — Pois é, queríamos mostrar à chamada sociedade "normal" que éramos tão normais quanto eles.

AF — Atualmente, eu passo no teatro e olho Camile, Marlene Casanova, e penso que há dez anos atrás elas nunca poderiam fazer isso. Daí eu acho que dentro da nossa batalha nós ganhamos a luta em parte, porque hoje, quando eu vejo o jornal de vocês vendido numa banca de revista, aberto, sinto que isto é uma vitória também nossa, também nós lutamos muito por tudo isso, batalhamos bastante.

AG — Naquela época, nosso trabalho estava ainda engatinhando, como numa pré-história, mas ele era feito com muito amor, com um esforço enorme, e agora estamos vendo vocês continuarem. Quando Lampião apareceu, eu escrevi uma carta pro Aguinaldo, dizendo que Lampião era o meu sonho, era exatamente aquilo que eu gostaria para o nosso jornal.

L — O próprio Aguinaldo escreveu que se não fossem todos vocês, talvez o Lampião não tivesse surgido.

AF — Uma das maiores contribuições nossas, na minha opinião, foi, sem dúvida, sairmos dos salões fechados, como chamávamos antigamente nossas casas, e nos apresentarmos em público. **(Leila Miccolis)**

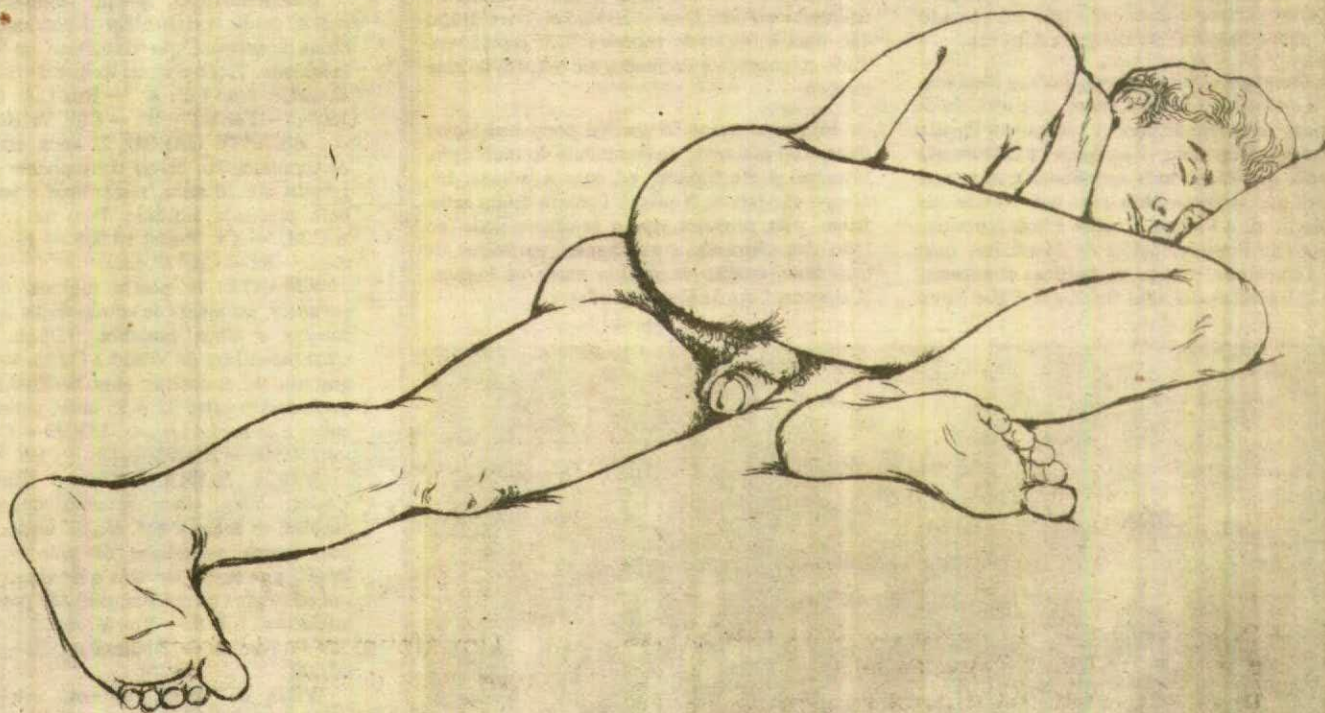
PUBLICAÇÕES QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA:

• RIO

O SNOB, de Gilka Dantas.
LE FEMME, de Bianca Marie.
SUBÚRBIO À NOITE, de Frank Gasparelly.
GENTE GAY, de Agildo Guimarães
ALIANÇA DE ATIVISTAS HOMOSSEXUAIS e EROS, de Frederico Jorge Dantas.
LA SAISON, de Jéssica Shelley.
O CENTAURO, de Anita Chambarelly.
O VIC de Katherine Wood.
O GRUPO, de Georgette de La Cruz.
DARLING, de Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães.
GAY PRESS MAGAZIN, de Claude Auger.
20 DE ABRIL, e O CENTRO, de Bette Taylor.
OS FELINOS, de Gato Preto (Niterói — RJ
OPINIÃO, de Gigi Berger (Niterói — RJ).
O MITO, de Antonio Kalas (Niterói — RJ).
LE SOPHISTIQUE, Adriana Guelros (Campos — RJ).
O GALO (???)

• BAHIA

O GAY e GAY SOCIETY, de Jackie de Maga.
O TIRANINHO, Orlando Andrade.
FATOS E FOFOCAS, BABY, ZÉFIKO, LITTLE DARLING e ELLO, Di Paula.

A arte erótica de Darcy Penteado

Com esta gravura de Darcy Penteado prosseguimos com a divulgação de trabalhos eróticos que se enquadram dentro de uma verdadeira e sadia cultura guei. O autor é conhecido de todos os que lêem LAMPIÃO: artista plástico consagrado, escritor de rara sensibilidade, ele é um dos editores do jornal. Este seu trabalho, intitulado "Repouso", em tiragem limitada (cem exemplares, númerados e assinados pelo autor), é imprescindível na sua coleção de Arte.

Peça-o já pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ). Apenas Cr$ 1.000,00 a unidade, mais Cr$ 100,00 de despesas de correio. E ainda estão à venda os últimos exemplares de "Rapaz Reclinado", a serigrafia de Luiz Beltramo com que demos início à nossa coleção de Arte erótica: você também pode pedi-la pelo reembolso. O preço é o mesmo.

REPORTAGEM

Um carnaval negro no Havre

E o Sacy Pererê deu grandes saltos no Havre. Grupo formado por artistas negros brasileiros residentes na França. O Pererê transformou-se em uma das atrações do "Junho nas Ruas", promovido pela Casa da Cultura, da Prefeitura do Havre. Este ano, a festa, já tradicional, teve por tema a cultura negra. E pela primeira vez o Brasil se viu representado. E com absoluto sucesso, pois o encerramento do festival foi um grande carnaval, do qual participaram mais de quatro mil pessoas, em um cálculo bem modesto.

Apesar da boa vontade dos organizadores do evento, ficou bem claro um certo desconhecimento do que seja cultura negra e um absoluto etnocentrismo. Em alguns setores da Europa, ainda acredita-se que os negros são bons poetas e excelentes músicos. E que o seu talento não está dirigido para as artes plásticas. Por isso surpreendi-me, quando convidado para decorar o foyer-bar da Casa da Cultura, ao perceber que o único negro era eu. A diretora da entidade, Ginette Dislaire, explicou-me que também tinha sido convidado um artista haitiano, que exigiu uma enorme soma para expor. Assim, as artes plásticas do festival ficaram limitadas ao meu trabalho.

Mas outros fatores, a meu ver, também contribuíram para a ausência das artes visuais no Havre em junho. Fatores inquietantes: um certo elitismo do artista plástico; pouca importância que se dá às artes plásticas fora da decoração; uma certa alienação do artista negro em Paris, muito mais europeus do que africanos; e uma "natural" supervalorização da música de origem negra. Aliás, o saxofonista Sorriso, brasileiro, que tem em seu **curriculum** um curso de pintura, chamou a atenção para a pouca atenção que se dá a outras manifestações da cultura negra "como a pintura e o teatro".

E o teatro teve tão pouca sorte quanto às artes visuais. A única manifestação, com entrada paga, deu-se no Teatro da Municipalidade e o público resumiu-se a 10 pessoas. A peça foi "Delírio Lúcido", apresentada pelo Teatro Temoin, de Sanvi Panou. Uma peça forte, contundente e contemporânea, mas estruturada da tradição africana. Pena que só tenha interessado a pouca gente. Talvez porque o teatro não seja considerado uma "arte doméstica" da Diáspora Africana.

A literatura teve mais sorte, embora fosse sentida a ausência de Aimé Cesaire, que ao lado de Senghor, no início do século, fundou em Paris o movimento Negritude. A ausência de Cesaire não foi bem explicada, mas acredita-se que a crise política que se abate sobre o seu país o tenha impedido de vir à França. Cesaire é hoje o prefeito de Fort de France, capital da Martinica, que, com Guadalupe, forma as Antilhas Francesas, uma das últimas colônias francesas e que agora quer se tornar independente. Entre os poetas, o maior destaque ficou para Paul Dakeio, do Camarões. Seus inflamantes poemas revolucionários, recitados em uma exposição fotográfica sobre o **apartheid** na África do Sul foi um sucesso absoluto.

A música contou com a maior afluência de público, sem dúvida. E a maioria dos espetáculos musicais foram franqueados ao público. Sucesso fez Jo Maka, que vive na França, onde é um dos músicos mais populares. A sua apresentação reuniu milhares de trabalhadores franceses, árabes e africanos. Uma verdadeira emoção. Maka dirigiu um concerto de uma orquestra com mais de 40 músicos, entre eles quatro brasileiros: Rafael e Zé Mané (percussionistas), Sorriso (saxofonista) e Dousty) (piano), todos do Sacy Pererê. O grupo ainda deu outro concerto, mais livre e informal, no dia 21 de junho, do qual participaram músicos brasileiros e africanos. Mais um sucesso. E, no mesmo dia, o grupo participou de um debate sobre a cultura brasileira, dirigida por Lúcia Clapp.

Mas o grande acontecimento ocorreu no dia seguinte, domingo: um grande carnaval. Uma folia bem à antiga, com máscaras de preto velho, pierrot, diabo, colombina, havaiana e índio. Até a decoração que fiz para o acontecimento, foi bem antiga: grandes arcos e uma máscara com a boca aberta, que servia de entrada. Entrada, aliás, utilizada por pouca gente, pois a maioria teve mesmo de brincar carnaval do lado de fora.

Havia mestre-sala e porta-bandeira, porque se não seria um carnaval moderno, tipo Riotur, no qual a dupla de bailarinos, passou a ter importância secundária. De moderno, um carro alegórico apenas, puxado por um trator. Muita purpurina, confete e serpentina. Vários blocos de sujos, que brincaram com o público, atento e a divertir-se como nunca. Ao Sacy, juntaram-se uns 15 artistas brasileiros que vivem em Paris, dançando e tocando nas boites e clubes da capital francesa.

E não faltou o futebol. Os brasileiros derrotaram um time do Havre por 3 a 2. E só venceu depois de contar com a colaboração do Grande, um professor de Capoeira. Ele entrou quando perdíamos de 2 a 0 e virou o jogo. O Grande é realmente grande. Depois do jogo ele e seu grupo deu uma exibição de capoeira. Um espetáculo. Tudo cafonamente decorado, em branco, laranja e negro.

Mas tudo isso só foi possível porque no Havre quase 100 por cento do orçamento do município, principal porto francês, vai para a cultura. Dinheiro não faltou. No final, ficamos muito satisfeitos: pela primeira vez, o brasileiro pôde, ao lado dos africanos e antilhanos, participar de uma manifestação da cultura negra na França. **(Celestino. Foto de Veronique Patte.)**

Músicos do Sacy Pererê: Sorriso à frente, Alfredo e Dousty lá atrás

MORENO, cabelos e olhos pretos, 33 anos, 1.75cm, 69kg, deseja manter amizade com rapazes ou senhores, para travar um bom relacionamento. Eduardo Mansur — Cx. Postal 65.086 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.115.

BONITO, universitário, 21 anos, discreto, 1.80cm, 70 kg, gostaria de trocar correspondência, talvez prazer físico e quem sabe, amor. Sérgio P.S. — Cx. Postal 623 — Niterói — RJ — CEP: 24.000.

"BOFES". Universitário, 23 anos, moreno, 1.70cm, olhos e cabelos castanhos, deseja corresponder-se com "bofes" de todo o Rio para uma amizade sincera ou um relacionamento íntimo. Prefiro pessoas discretas. Ramos — Estrada Vicente de Carvalho, 441, Fundos — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 21.371.

BRONZEADO POR NATUREZA, 22 anos, gaúcho, 1.92cm, cabelos encaracolados, olhos pretos, corpo atlético, altamente sensual, quase que totalmente desprovido de pelos, praticante de esportes, quer conhecer entendidos, entre 18 e 27 anos. Procuro alguém que me faça a cabeça. Foto na 1ª carta. J. Carlos Goulart — DEPRC-SMS — Avenida Mauá, s/nº — Centro — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000.

CORAÇÃO SOLITÁRIO a procura de afeto, 28 anos, universitária, olhos castanhos cor de mel, cabelos negros, queimada pelo sol nordestino, 1.60 cm, 48kg. Deseja trocar idéias com moças entendidas e travar uma amizade sincera, sólida e duradoura. V.R.S. — Rua Marechal Deodoro, 709 — Benfica — Fotaleza — CE — CEP: 60.000.

EMPRESÁRIO, jovem, formação superior, deseja corresponder-se com rapazes de ótima aparência, que trabalhem ou cursem faculdade. Troco postais. Responderei a todas as cartas. João Luiz A. — Rua Leon Colares 360/43 — Pelotas — RS — CEP: 96.100.

AMANTE GREGO, 22 anos, estudante de comunicação, deseja corresponder-se com garotos até 20 anos, românticos e sensuais, para profunda amizade. Foto na 1ª carta. A.C.M. — Cx. Postal 13.005 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.430.

AMANTE de poetas ingleses contemporâneos, estudante de antropologia, 24 anos, cabelos e olhos catanhos, 1.76cm, 72kg, amante também de Vivaldi e Cecília Meireles, gostaria de encontrar gays brasilienses, de preferência, entre 25 e 35 anos, carinhosos, cultos e de mente arejada. EGON — Cx. Postal,131.996 — Brasília — DF — CEP: 70.000.

MOÇA ROMÂNTICA — simpática, 1,60cm, 50kg, olhos castanhos dourados e cabelos da mesma cor, deseja trocar idéias com jovens entendidas de toda parte do Brasil, que sejam sinceras e inteligentes e de um certo grau de cultura, mas não precisa ser intelectual. S.B.S. — Rua Marechal Deodoro, 709 — Benfica — Fotaleza — CE — CEP: 60.000.

VIDA ESTÁVEL, discreto, cultura superior, cabelos grisalhos, jovial, boa aparência, procura rapaz ativo, forte, amoroso, apresentável e "bem dotado", para uma amizade sincera. P.A.S. — Tel.: 801-7174 (após as 21 h) — Osasco — SP.

MORENA, universitária, procura pessoas sinceras para amizade ou algo mais, peço carta franca e desenvolta. M.S. — Rua Vila Real, 60 aptº 202 — Senador Camará — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 21.830.

MÉDICO, 24 anos, deseja corresponder-se com rapazes de cabeça feita, que estejam a fim de trocar idéias, emoções e sentimentos. Pablo Laterza — Rua São Roberto, 79 aptº 102 — Estácio — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.250.

SUPER-DISCRETO, 35 anos, nível superior, procura relacionamento com pessoas até 30 anos com boa cabeça. Cx. Postal — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.100.

CULTO, discreto, solitário, 28 anos, interessado em religião (cristã), política, literatura, etc... Deseja corresponder-se com pessoas sem afetações ou superficialidades para fins exclusivos de uma amizade sincera. Antônio — Cx. Postal 8529 — Curitiba-PR — CEP: 80.000.

UNIVERSITÁRIA SEM PRECONCEITOS, 23 anos, 1,69cm, solteira e bastante atraente. Se você quizer trocar novas idéias, escreva-me. R.L. — Cx. Postal 13.005 — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.430.

GAÚCHO, moreno-claro, 25 anos, 1,82cm, 85Kg, deseja corresponder-se com homens ativos para sólido relacionamento. Ivam Martins — Rua República, 541 aptº 302 — Cidade Baixa — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000.

FILATELISTA, professor, 35 anos, 1.77cm, moreno-claro, discreto, gostaria de trocar correspondência com pessoas de qualquer idade, raça ou cor, para uma sincera amizade. C. G. Ribeiro — Cx. Postal 913 — Belo Horizonte — MG — CEP: 30.000.

GOSTOSO. Se você gosta das boas coisas da vida, me escreva, tenho muito a lhe oferecer, gosto de homens sensíveis ao amor. Foto na 1ª carta. As melhores coisas depois eu conto. Harley J.C. Lacerda — Cx. Postal 269 — São João da Boa Vista — SP — CEP: 13.870.

CARINHOSO. Jovem simpático, vestibulando de medicina, discreto, tímido, solitário, deseja trocar postais, na esperança de algo mais, com senhores acima de 40 anos. João Luiz dos Santos — Cx. Postal 779 — Anápolis — Góias — CEP: 77.100.

ENTENDIDA, 26 anos, 1.68cm, 57Kg, morena-clara, simpática, cabeça feita, gosta de tudo que a vida tem de bom, carinhos, etc..., quer corresponder-me com garotas de toda parte. Foto na 1ª carta. Fátima — Cx. Postal 1400 — Florianópolis — SC — CEP: 88.000.

BANCÁRIO, 38 anos, deseja corresponder-se com entendidos de idade superior a 30 anos, para troca de opiniões e um futuro relacionamento aberto e afetivo. Foto de corpo inteiro na 1ª carta. Dimas Barbosa — Cx. Postal 1293 — Recife — PE — CEP: 50.000.

BRASILIENSE, 25 anos, solitário, deseja corresponder-se com "gente" de todo o Brasil e exterior. Luiz Antônio Adorno — Cx. Postal 500066 — Gama — DF — CEP: 762.400.

UTILIDADE

MIMEÓGRAFO — Compra-se mimeógrafo a álcool FACIT, segunda mão, em bom estado e a preço módico. Grupo SOMOS/RJ, Caixa Postal 3356/CEP 20100, Rio de Janeiro, RJ.

REVISTAS homossexuais, gay e de todo o tipo, vendo. Preço de um LP. Atendimento por reembolso. Dr. Luiz N.C. Caixa Postal 188, Passo Fundo, RS. CEP 99100.

REDAÇÃO para vestibulandos. Aulas particulares, individuais (Cr$ 300,00/hora) ou grupais (Cr$ 150,00). Professor de literatura, escritor e jornalista. Manhã, tarde e noite; horários a combinar; início imediato. Figueiredo Magalhães, 442/502 — Copacabana — Rio. Ou CP 13005/CEP 20430, Rio.

AQUÁRIOS — A O.M.S. já declarou que um aquário em casa tranqüiliza seus moradores, portanto, não vacile — Bruno e Walquiria estão oferecendo, a baixo do custo, montagem artística e manutenção. Ligue para 286-4425 e fale com Bruno. Orçamentos grátis.

ESCOLHA O SEU ROTEIRO

Pelotas

Pelotas, tadinha, é vítima de sua fama, ou seja, a histérica repressão heterossexual é proporcional à falação. Há dez anos um prefeito, o famigerado Chiquinho, resolveu "limpar" o nome da Bichacap; Ainda hoje, nos cinemas, os **straight boys** soltam gritinhos nervosos quando vêem um personagem guei. Mas, apesar do deboche, Pelotas tem seus encantos e seus espécimes preciosos, de todas as raças. A pegação dá-se na Praça Coronel Pedro Osório, debaixo dos bigodes do antigo manda-chuva e ao redor de sua estátua indecorosa. No meio da praça há uma placa: "WC para homens". E tem um guarda muito gentil que às vezes ainda pergunta: "Já conseguiu?"

Um **footing** muito proveitoso pode ser feito pela Galeria Central, vitrines da Andrade Neves, Confeitaria Luso e Café Aquários, este último o ponto de convergência da cidade, onde, em meio aos mexericos políticos, passeiam entendidos, bofes, bichas assumidas, enrustidas, loucas, loucos (loucos, mesmo), etc... O fliperama próximo ao Aquários, na Rua Quinze, e a pista de **skate**, atual coqueluche, na Praça Júlio de Castilhos, são lugares fervilhantes.

Alguns cinemas (Guarani, Avenida, Fragata) podem oferecer programas fora da tela, embora nenhum se compare ao legendário e saudoso Apollo, onde mulher não entrava nem nas quartas-feiras, quando o programa duplo oferecia "entrada grátis para as damas". Pasmem os mais afoitos: na Bichacap não há boate ou bar assumidamente guei. Boates: Liverpool (Barragem do Santa Bárbara), Leiga (Faculdade de Medicina) e Hippopotamus (Avenida Dom Joaquim). A única tentativa de um local guei é o Acesso, bar da Voluntários, pertecente a uma comadre muito querida na cidade.

Os bares da Avenida Bento Gonçalves (do Zima's ao Beco) servem, à noite, como pronto-socorro sexuais, especialmente para quem tem carro. Hotéis: Grande Hotel e Rex (na Praça do Coronel).

As maiores atrações de Pelotas são inconfundivelmente o seu carnaval e a sua praia. O carnaval, que dura nove dias, é uma festa guei que atrai bichas de toda a parte. Nos "blocos dos sujos" todos são travestis, inclusive os bofes. Descontração total. Na praia do Laranjal há o Balneário dos frondosas e samambaias rasteiras e sem vergonhas, onde, nas tardes de verão, enquanto se faz o que bem se quer, se ouvem as ondas da lagoa e, ao longe, no mato, os cucurucus de uma juruti apaixonada. **(Jota Luiz)**

Bicha é família?

Numa dessas muitas conversas das quais eu participo por aí, e que se referem ao homossexualismo — quando o assunto é sério, somos homossexuais; quando é frescura, somos bichas, e eu me sinto, como sempre, dividido, como se já não bastassem o meu "lado homem" e meu "lado mulher", a minha "criança" e meu "adulto", e ego e o super-ego. Bom, como eu ia dizendo, numa destas conversas, alguém tocou num assunto que eu considero muito cansativo: a aceitação do homossexual pela família. Quando chegou a minha vez de falar, pretendi encerrar o assunto: não faz parte de minhas vontades ser aceito pela família, porque eu não a aceito. Simples com dois e dois são quatro. Pelo menos aparentemente, são.

Partindo daí, acredito que os homossexuais que estão, atualmente, empenhados em renovar a sua própria imagem, têm que saber muito bem diferenciar os momentos em que realmente se dispõem a corroer o sistema e mandá-lo, de vez, para o brejo e os momentos em que se contentam com apenas abrir uma brecha nesta grossa parede da intolerância e passar para o lado de lá, como se todo o esforço se justificasse apenas em poder participar do mundo do qual temos sido, até agora, marginais. E todas as vezes em que ouço que "nós estamos lutando para ser aceitos", sinto um frio e me percorrer a espinha e me pergunto: aceitos por eles? Mas logo encontro a resposta: Eu não, muito obrigado.

No livro **Word Is Out**, em que estão reunidos vários depoimentos de lésbicas e bichas americanas, um professor relata a sua dolorosa e, segundo ele, gratificante experiência de se assumir como homossexual diante dos alunos. Quer dizer, chegou o dia em que ele não agüentou mais e disse tudo. No início, até que eu fiquei encantado pela idéia mas depois passei a achar que tudo não passava de um mal-disfarçado ato de contrição, quando a gente bate três vezes no peito e declarar ser tudo "minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa", e fica aliviado. Parece coisa de réu confesso e eu acredito muito firmemente que não temos obrigação de dar satisfação de nossa sexualidade a ninguém, mesmo que pareça que todos a estão pedindo.

Mesmo assim, eu não vou tão longe quanto o Francisco Bittencourt a ponto de achar que os movimentos homossexuais estão querendo participar do "establishment" e gozar das delícias da legalidade. Mas antes de falar nisto, quero deixar bem claro que, quando escrevo para o Lampião, não me coloco, em absoluto, no papel de porta-voz do Beijo Livre, Credo, eu não. Sou apenas, como nós definiu muito bem o Aguinaldo Silva, um "simples colaborador do jornal", e boto muito fé nos grupos organizados.

A propósito, acho que se pode detectar certas diferenças, por exemplo, na carta ao Papa. Nele, fica bem claro que os homossexuais não estão buscando compreensão nem muito menos se ajoelham diante de Sua Santidade e pedem clemência. Pelo contrário, a carta denuncia o homem-de-saia, que, com suas declarações, justiça a violência e o preconceito e parece concordar com as porradas que nós estamos levando. Acho também que forçar a barra para ir discutir sexualidade nos corredores da SBPC tem o mérito de, pelo menos, apresentar uma versão diferente da oficial. Afinal, quem mais tem o direito de discutir homossexualidade que nós mesmos?

Os homossexuais estão querendo, de uma vez por todas, ser donos de seus próprios narizes e reclamam toda vez que alguém lançar mão do poder adquirido para estabelecer esquisitas fronteiras entre o que se deve e o que não se deve fazer. Além disto, eu particularmente acredito que não é só porque somos "marginais sexuais" que devemos agüentar tudo na nossa integridade de não colaboradores do sistema e esperar, tecendo uma longa teia de amarguras, que o mundo torne-se uma revolução permanente. Isto me cheira levemente a heroísmo e princípios — duas coisas que eu não quero nem morto porque, de tudo, prefiro mesmo é o meu instinto de sobrevivência.

Por outro lado, é verdade que tem muita coisa esquisita por aí. Por exemplo, isto de criar Igrejas gays sempre me provocou um forte desagrado, só comparável ao que sinto quando fico sabendo que nos "desenvolvidos países europeus" as bichas já podem até casar. Eu não fico nem um pouquinho com inveja porque esta história toda me parece uma corrida em direção a um **status quo** que eu, independente de ser ou não bicha, sempre contestei. Só falta mesmo a gente inventar a fecundação artificial via intestinos e recriar a família — já consigo imaginar os álbuns de fotografia que vão sair.

E, de mais a mais, está bem claro que parte da Igreja e os "países desenvolvidos" vestem esta elegante capa progessista para garantir sua própria sobrevivência e impedir que o cordão de pessoas obrigadas a ficar fora do sistema acabe por estrangulá-las. Oferecem tolerância, põem todo mundo para dentro e destroem todos na mediocridade e as bichas, cansadas de comer o pão que o diabo amassou, acreditam que deram um enorme passo na conquista de seu lugar. Mas, na verdade, o que nos foi oferecido não passa de um cantinho onde possamos sonhar em paz com ser finalmente respeitados — ironicamente, dentro dos mesmos moldes de uma sociedade que, baseada na família, tem sistematicamente elaborado a dominação, o individualismo, a posse e a tara.

Então, a questão não é livrarmo-nos do peso de infelizes renegados e passarmos nossa existência lutando por um simples lugar ao sol. A necessidade real é estabelecermos condições para que possamos participar de uma revolta bem mais orgânica e visceral que dê ao homem chances de manifestar cada rincão de sua consciência e que ele possa ser realmente único, sem render culto a nenhuma norma ou padrão de comportamento. Aí, o heterossexual, encarnação da sexualidade dita sadia e conveniente, deixa de existir e leva consigo a idéia do homossexual, que existe apenas como sua negação. (Alexandre Ribondi)

Londres marchando

Três mil pessoas participaram da marcha em comemoração ao Gay Pride 80, em Londres. A marcha teve início num lugar movimentadíssimo chamado Bressendem Place. Era sábado, 28 de julho, às 11 horas da manhã, conforme diziam os convites distribuídos. Às doze horas em ponto saímos todos e todas com panfletos prontinhos para serem entregues, cartazes, bandeiras, balões de gás coloridos (a maioria **pink**); bem na frente, um caminhão erguendo um triângulo rosa **shoking**; alguém, vestido de Mrs. Margaret Tatcher, era fotografado a cada instante.

A saída da marcha foi muito pacífica, mas 500 metros adiante nos vimos cheios de guardinhas à volta, milhões de camburões, etc. e tal. Daí, perto do Big-Ben, os guardinhas ficaram excitadinhos com a excentricidade maravilhosa de oito travestis e os colocaram num camburão e sumiram. Foi uma operação tão bem planejada, que só quando a gente chegou ao final da marcha soube o que tinha acontecido, por intermédio de um nono travesti, que conseguiu fugir das mãos dos guardinhas, ainda que com o vestido todo rasgado.

Nisso, cerca de 200 pessoas já estavam dentro do prédio da University of London Union, inclusive eu (que, depois de quase duas horas andando, tive que esvaziar a ritinha, tadinha); bem, eu tava lá dentro, quando ouço alguém anunciar, através dos alto-falantes, que a marcha iria continuar até a delegacia para soltar os meninos. Os guardinhas, que também ouviram, tentaram brincar de fecha-cordão, para impedir que o pessoal fosse até a delegacia; eles só não esperavam que os mastros das bandeiras se transformassem em pedaços de paus bem grossos, devidamente apropriados para dar bordoadas; distribuindo golpes a torto e a direito, a gente abriu caminho até a delegacia. Lá, o delegado nos esperava à porta com um sorriso igual ao da rainha. Depois de ler os dez mandamentos, ele soltou os meninos.

Assim, aí pelas três e meia da tarde, estávamos todos, outra vez, no prédio da University, nos divertindo. De repente, o alarme de incêndio toca; ninguém sai; uma hora depois, outro alarme, anunciando que há duas bombas no prédio. Outra vez ninguém se moveu. Ninguém queria saber de alarmes falsos, estávamos todos ocupados e ocupadas com filmes, saunas, meninos, meninas, teatro, música, dancing, banheiros, sinuca, bebidas, comidinhas, etc... Os seis andares do prédio estavam lotadinhos da silva, e um dos grandes divertimentos foi o disco, que começou às 21h e terminou a uma e meia da madrugada, ao ar livre, marcando o final do que, para nós, foi um grande dia. **(Addy, from London)**

ESQUINA

Uma casa da gente

Foi uma tremenda festa, a inauguração da Livraria PSI, dia 1º de setembro, no Rio (Rua Farani, 42). Samba, slides, cinema, teatro, lançamento de livros, mostra de artes plásticas, e uma verdadeira multidão que bebeu litros de chás e batidas, comeu quilos de amendoim (eta, afrodisíaco danado!), pulou e dançou, trocou endereços, paquerou adoidado, saiu e voltou, saiu e voltou, saiu e voltou...

Um povo belíssimo, coisinhas lindas para todos os gostos, do bofe ao bi, passando pelo sapatão e pela bicha-louca. Mas, o troféu do mais-gostoso ficou mesmo com o pessoal da PSI/RÁDICE, com especialíssimo destaque para Ralph e Adaury. Dia 9, no auditório da Santa Úrsula (quem diria?), o primeiro de uma série de debates promovidos pelos já chamados **apolos de Botafogo**: pra começar, o tema será a SEXUALIDADE. Que ninguém falte, às 20:00h.

Com esta livraria-galeria, os cariocas ganham a primeira casa especificamente dedicada à psicologia em geral e, particularmente, à sexualidade. Uma casa da gente, portanto, como já ficou provado e comprovado no **happpening** de inauguração. (**João Carneiro**).

Copenhague chama

A Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Década da Mulher, organizada pela ONU, teve de tudo um pouco. Desde a Conferência Oficial com a presença de delegadas oficiais do governo de seus países, até a realização de uma Conferência Alternativa, organizada pela direção das O.N.G (Organizações Não Governamentais).

Cerca de cinco mil mulheres da O.N.G estiveram reunidas entre 14 a 30 de julho em Copenhague, Dinamarca, discutindo a situação mundial da mulher. Os debates tinham como ponto de partida os temas igualdade, desenvolvimento e paz, seguidos dos subtemas: "saúde, educação e emprego", "racismo e sexismo" (incluindo o **Apartheid**), "mulheres emigrantes, refugiadas e família". Para cada tema, a direção da Alternativa organizou painéis explicativos, chamando à atenção das participantes para o assunto que mais lhe agradasse.

Lélia Gonzales, Moema Toscano, Ruth Escobar, Carmem Barroso, Sílvia Pimentel, Efigênia (metalúrgica — SP) e Abigail da Silva (pastora negra), foram algumas das brasileiras presentes. A única oficialmente convidada, participando inclusive do Comitê de Organização da Fórum, Lélia Gonzales, abordou especificamente o problema da mulher negra. Ela organizou um Seminário com mulheres negras de países que oficialmente afirmam não terem problemas de discriminação racial. Brasil, evidentemente, Colombia, Novas Hébridas, Nova Guiné, Timor Leste e Inglaterra. Desse seminário participou grande contingente de mulheres européias, americanas, brancas e negras.

As ocidentais indagaram muito a respeito da mutilação dos órgãos genitais — extirpação do clitóris —, sofrido por algumas africanas, no que elas responderam ser esse um problema delas em particular, e aconselharam: "Vocês também são mutiladas através de uma educação preconceituosa, cuidem da mutilação de cuca que nós cuidaremos da do corpo."

A nível de pesquisa e de trabalho, constatou-se que as africanas estão muito mais organizadas que as latino-americanas. Elas estão desenvolvendo um levantamento sobre a condição da mulher africana, eminentemente rural, pois com a presença da chamada "civilização" tiveram sua condição de vida piorada.

MANIFESTAÇÕES

No dia 18 de julho, houve uma manifestação diante do Bella Center (local da Conferência Oficial), em repúdio ao Golpe de Estado na Bolívia. Nesta passeata, as participantes foram reprimidas violentamente pela polícia. Uma chilena chegou a ter o braço quebrado. O fato causou um certo mal estar no governo dinamarquês e, imediatamente o Primeiro Ministro, a Ministra da Cultura e a Presidente da Conferência Oficial, desculparam-se.

Após o incidente ocorreu nova mobilização e, no dia 21, milhares de pessoas fizeram outra manifestação — desta vez com a garantia da polícia —. Uma Comissão formada por 10 mulheres de diferentes países (inclusive Lélia) foi recebida pela direção da Conferência Oficial, que, durante duas horas, ouviu denúncias e o que realmente está acontecendo de grave com a mulher no mundo, assunto que na verdade não vinha sendo tratado na parte oficial do programa.

A PARTICIPAÇÃO DAS LÉSBICAS

O Documento enviado, através de Lélia Gonzales, pelas mulheres dos grupos SOMOS/RJ e AUÊ/RJ, causou espanto e muita curiosidade. Lélia foi ao Seminário das Lésbicas (havia uma por dia) e pediu a palavra colocando-se como portadora oficial das homossexuais cariocas. Após a leitura do documento, ela explicou a ausência das brasileiras e descreveu a situação dos homossexuais no Brasil. A discriminação no trabalho, na escola, na família e contou um episódio ocorrido no I Congresso da Mulher Fluminense, para dar uma idéia da mentalidade do povo brasileiro: uma senhora disse ser o homossexualismo uma contravenção.

CONSENSO

Partindo da Conferência Alternativa e do seu caráter de Tribuna Livre não houve conclusões sobre esse ou aquele assunto, apenas chegou-se a consensos:

A questão da mulher latino-americana é específica, mas deve ser colocada junto a problemática social, político e econômico.

A discriminação na América Latina é racial, sexual e de classe.

Nos próximos meses haverá um encontro em Bogotá, Colômbia para um balanço e uma análise do que aconteceu em Copenhague. (**Dolores Rodriguez**).

Brigadistas, ai, ai!

Os "brigadistas", como se autodenominam os vendedores do jornal semanário **Hora do Povo**, parecem ter feito a grande descoberta do século. Na edição de 15 de agosto estamparam na primeira página três fotos, anunciando a descoberta dos terroristas que andam ameaçando as bancas e a sobrevivência dos jornais independentes. Provaram ser péssimos policiais.

Alcunham de terrorista uma senhora cuja foto foi estampada na primeira página, que se limitava, durante as "manifestações" em favor dos jornaleiros (sic), a distribuir um panfleto contra o serviço militar feminino. E mostram-se muito mal informados, quando confundem Falange Pátria Nova, que se responsabilizou pelos atentados às bancas, com Falange Patriótico, um inexpressivo grupo direitista que costuma se reunir em mesas de bares da Cinelândia. Provaram ser péssimos jornalistas também.

Por fim, chegaram a uma preciosa conclusão: todos os terroristas são maricas. Para os "brigadistas", péssimos policiais e jornalistas, os direitistas são todos bonecos decadentes. Aliás, nesse ponto, ao menos, pouca diferença existe entre eles, Hitle, Mussolini, Brejnev e Videla.

Um engano que precisa ser imediatamente corrigido. Afinal, Videla, Figueiredo, Pinochet e Meza fazem questão de afirmar o seu machismo. Todos eles são heterossexuais. E que não paire a menor dúvida sobre isso.

Imprensa o quê?

Encontrei o Jaguar no elevador do edifício que hospeda o Sindicato dos Jornalistas do Rio. Ele não escondia uma certa fúria, compartilhada pelo pessoal do Repórter. E por mim também. "Foi péssima. Levei um amigo jornaleiro e ele saiu esbaforido: você fez muito bem em não ter ido". Foi o único engano do humorista, então um pouco mau-humorado. Infelizmente, na segunda-feira, 11 de agosto, eu estive no chamado "Ato de Repúdio aos Atentados Terroristas", programado pela imprensa nanica em protesto pelos atentados às bancas de jornais e revistas.

E fui, confesso meio envergonhado, de bobo. Duas horas antes, passei pelo local e recebi um panfleto. Título: "Querem calar com a voz do povo." O mesmo panfleto, que tinha a finalidade de convocar a população, jornalistas e jornaleiros para o ato público, e que, em uma das reuniões preparatórias tinha sido recusado por ampla maioria. Muito estranho. Dois ou três colegas — por favor, companheiro não — ficaram de elaborar uma nota, o que fizeram em tempo recorde e rodaram 12 mil. Aceitaram fazer outra, a qual confesso não ter visto impressa, e gastaram mais algum do nosso dinheiro. Mas, duas horas antes, a que foi distribuída foi a recusada. Se não desonesto, pelo menos estranho.

O ato, combinado para ser de apoio aos jornaleiros, ameaçados pela direita, e jornalistas, quase impedidos de fazer jornal, transformou-se em um espetáculo velho e cansado. Muito cansado. Os slogans faziam terrível esforço para se manter em pé. Tais como: "povo unido, jamais será vencido"; "abaixo a ditadura". Os discursos não ficaram longe da forma caquética dos slongans e dos cartazes. Tinha-se combinado que falariam umas poucas pessoas e, se possível, um representante dos jornaleiros. O que houve, na realidade, foi um festival. Um festival de frases-feitas. Acho que, além dos representantes dos jornaleiros, só não falou mesmo, por motivos óbvios, um representante da direita. Aliás, um vereador do PP tentou falar, mas não conseguiu: desligaram o microfone. E o PMDB ganhou, disparado, o festival de tolices. Acho até que toda a bancada do partido nas mais diversas assembléias falou. O vereador Tonico, por sinal, foi quem encerrou o comício. Eleitoral, quem sabe.

Em frente à escadaria da Câmara Municipal, o espetáculo não foi menos deprimente. Os mesmos gatos pingados de todas as manifestações, inclusive os que defendem bottonless e o topless estavam presentes, cercados das bandeiras do PT e da Convergência Socialista, desnecessário dizer que ambas na cor vermelha. O curioso é que, nas reuniões preparatórias, um certo grupo defendia a ampliação do tema do ato, o que acabou por ocorrer, apesar da vontade contrária da maioria, porque assim um maior número de pessoas participaria. Terrível engano: um pouco mais adiante, havia mais gente formando fila para assistir no Odeon, a estréia do filme "A noite das Taras". Talvez, eles estivessem mais certos. (A.P.)

PRECONCEITUOSAS

Hoje, eu estava com vontade de sentar, pegar o tricô e começar a falar mal dos outros, para ver se consigo, pelo menos, desopilar o fígado que anda péssimo, não apenas pela comida que me obrigam a ingerir dia após dia mas também pelo tipo de imprensa que acaba vindo parar em minhas mãos. De forma que eu gostaria de me referir a um hebdomadário (não é o semanário francês Charlie Hebdo, não. É sua cópia nacional, o Pasquim. Aliás, lembram quando ele também se apelidava hebdô?) que, no número 580, quase inteiramente dedicado às tétricas explosões de bancas de jornais, tem uma fotonovela intitulada "A Vida Sexual de um Terrorista". Pois bem, esta fotonovela, que parece querer irritar os soltadores de bombas e fazê-los reagir, usa uma série de lugares-comuns bastante interessantes.

Primeiro, a história mostra que os terroristas não conseguem trepar com ninguém — teoria com a qual eu sempre estive inclinado a concordar mas que já vi melhor apresentada. Em seguida, dá uma guinada para a psicanálise de mentirinha e começa a falar mal da mãe dos outros e, mais uma vez, nesta cultura regida pela síndrome do filho-da-puta, a culpa acaba sendo da mulher mesmo. Aliás, desde Adão e Eva que a mulher sempre pôs o homem no mau caminho e representou o papel da maléfica, repressora e princípios de todas as danações. Mas, apesar de tudo isto, ela sempre deu lucro, tanto que os editores do Pasquim explicaram que põem mulher pelada na capa para vender o jornal, que sempre tratou de assuntos mais relevantes — como se a alibercação da mulher fosse menos digna que a revolta dos outros oprimidos. Depois, o terrorista é (ai, meu saco, outra vez!) uma bicha reprimidinha que gostava de vestir a calcinha e o soutien maternos e que, por não poder satisfazer seus desejos, fugiu de casa. Então, parece que eu entendi direito: os homens, em geral, não têm culpa de nada. É tudo coisa das mulheres e dos homossexuais, eternos insatisfeitos. Se a polícia raciocinar igual e vir aqui em casa fazer investigação, eu processo o Jaguar.

Mas não acabou aí. Neste mesmo número, há uma notinha de alguém que entreouviu em São Paulo uma conversa que dizia mais ou menos isto: "Enquanto os gays fazem a luta

➡

deles, a gente tem campo aberto para fazer nossas corrupçõezinhas sem chamar muito a atenção." Novamente, eu fico em dúvida: será que estão me chamando de alienante? Prefiro acreditar que não, porque um jornal que, como o Pasquim, se coloca na trincheira das lutas pela liberdade de expressão e pelo respeito ao indivíduo, não pode, de uma só vez, dar duas cagadas deste tamanho como se, exoticamente, alguns indivíduos fossem mais dignos de respeito que outros e algumas expressões mais merecedoras de liberdade.

E tem mais: o raciocínio do moço que nos chamou de alienantes está errado. Se até bem recentemente as bichas não participavam do equivocado (vide críticas de alguns militantes) quebra-pau da esquerda, agora, organizados ou mais conscientes, nós criamos nossas condições de pôr a boca no trombone. Quer dizer, estamos engrossando a fila dos descontentes e não adianta vir colocar sentimento de culpa na gente que daqui não arredamos o pé.

Afinal de contas, é absurda a idéia de que damos asas a alienação e que desfocamos a realidade. É como se, de uma outra para outra, passássemos a ser o bode expiatório que não encontravam, antes, quando não havia nem jornais homossexuais nem grupos organizados e que a violência, a corrupção e os atentados à liberdade já corriam soltos por aí. Mas já que é para pensar assim, eu quero fazer uma denúncia de primeira mão: os países socialistas, com sua "ameaça de comunismo internacional" estão propiciando o surgimento das inumeráveis ditaduras militares de direita. Então, vamos atravessar o Atlântico e ir até estes países avisar que eles são historicamente inoportunos. Viram só como dá vontade mesmo de rir?

Portanto, apesar de tudo, eu não assino o Pasquim e que ele vá vender seu peixe podre em outra quitanda porque eu tenho o olfato apurado. E, como respondeu um amigo meu ao Ziraldo quando este lhe perguntou se ele achava falta de respeito fazer piada com homossexuais: "Não, meu jovem. Mas tudo depende do seu preconceito." (Alexandre Ribondi).

Por trás do MPB-80

Jesse: Um cantor que fez a cabeça de muita gente

Já fazem três semanas que aconteceu a desastrosa final do Festival MPB-80, da Rede Globo de Televisão. Pelo visto as expectativas não foram superadas e os resultados ficaram aquém dos antigos festivais da década de 60. Previa-se um dos maiores acontecimentos musicais deste ano e nem o Padrão Globo de Qualidade foi capaz de salvar a situação. Restou apenas o brilho de meia dúzia de gatos pingados, que concorriam à finalíssima do Festival, e a surpreendente platéia presente ao ginásio do Maracanãzinho. Pasmem, pois grande parte do público era composto de bichas, lésbicas e um bando de bissexuais eufóricos. Sem dúvida nenhuma, promoveu-se no Maracanãzinho o maior encontro gay já visto por estas bandas da América Latina.

Por volta das 20 horas, do sábado, 23 de agosto, eu e Dolores já nos encontrávamos dentro do maracanãzinho, munidos de nossos crachás, bloco e caneta. Tentamos, em vão, junto com outros jornalistas, encontrar o local destinado à Imprensa, e simplesmente constatamos que tal coisa não existia. Durante nossa procura, pude observar a grande quantidade de bichas e lésbicas que se amontoavam pelas cadeiras. Sempre descontraídos e, não raro, munidos de seus casos, aos beijos e abraços. A caça comia solta. Dolores babava com as menininhas que a todo momento esbarravam nela, tentando passar pelo espremido corredor da pista. Eu já estava pra lá de Bagdá, e me surpreendia, vez ou outra, parado, olhando insistentemente para um ou outro rapazinho. Estava uma glória!!!

Em determinado momento, no meio de nossa agonizante procura de lugar, o pessoal da arquibancada, que despencava pelas grades abaixo (cerca de 30 mil pessoas lotaram o Maracanãzinho), começou a gritar seguidamente, num coro unissono: **VIADO**. Fiquei logo deslumbrado pensando que o pessoal já tivesse me reconhecido, afinal sou uma das musas do Lampa, mas imediatamente caí em prantos, pois com milhares de viados presentes, eu sabia lá pra quem eles estavam gritando?!

Do sofrido lugar que finalmente havíamos conseguido, podíamos observar perfeitamente as várias torcidas que se encontravam nas arquibancadas. Dentre elas as de Leci Brandão, Duardo Dusek, Sandra Sá e Jessé, que fervilhavam de plumas, paetês, sandálias e algumas botas. Sem dúvida nenhuma eram essas as maiores torcidas do Maracanãzinho. O resto constituía-se em uma dúzia de dez heterossexuais comportadinhos, que torciam para a irritante Amelinha.

Quando Zezé Mota, a quarta concorrente aparece no palco do Maracanãzinho para interpretar **Anunciação**, as arquibancadas vêm abaixo. Sem muita tarimba como cantora, mas com uma puta interpretação e presença de palco magnífica, Zezé simplesmente foi um Show à parte. Com um vestido cobre metálico, escamado, apresentando uma abertura lateral até a cintura, por onde se podia ver a nudez de seu sexo, Zezé provocou delírios e alguns desmaios de jovens donzelas e de rapazes afoitos.

Com um par de asas divino e uma bola de gás amarela que acompanhavam um suntuoso terno preto, foi assim que se apresentou o incrível Duardo Dusek. Uma entrada mestral e bíblica. Um verdadeiro anjo do Apocalipse. A platéia extasiada pela figura de Dusek, gritava feericamente enquanto este, com seus dedos cravejados de anéis cintilantes, jogava beijos cândidos e proféticos. **E o mundo acabou**. Sem dúvida alguma, **Nostradamus** foi uma das melhores músicas apresentadas no Festival, e seu intérprete não deixou por menos, escancarou brabo.

Defendendo outra música maravilhosa, a incrível Sandra Sá entra em cena. Apesar de um certo boicote por parte da comissão organizadora do Festival em divulgar seu trabalho, **Demônio Colorido** marcou este festival e mexeu com a platéia. Um fã mais frenético vestiu-se de demônio e só faltava se jogar das arquibancadas, num vôo plutarco. Sandra Sá arrancava suspiros de Dolores, que, não resistindo, sentou-se no chão e pôs-se a sonhar. Uma das jornalistas, perto da gente, começou a chorar e buscava consolo em uma fotógrafa, e as duas reconstituíram em viva alma o que Sandra cantava no palco. A interpretação de Sandra Sá é algo fascinante. Sua força, sua segurança e sua simpatia nos faz ter sonhos "sáphicos", imaginando quem seria a doce e rude figura personificada em **Demônio Colorido**.

Para meu espanto e de Dolores, pude observar que a maioria dos jornalistas e fotógrafos que ficaram junto da gente eram homossexuais. Não perdemos tempo, começamos a atacar o máximo possível.

Chega a vez de Leci Brandão. Descalça e usando um vestido rendado branco, Leci pisa no palco central do Maracanãzinho. Seu canto cheio de garra invade os corpos dos espectadores (e talvez telespectadores). Mostrando uma certa insegurança no começo, Leci vai num crescente até que seu domínio é total. **Essa Tal Criatura**, música de sua autoria, é outra que deveria constar dos primeiros lugares deste festival. Num tom libertário, ela reforça palavras de sua música, que assumem conotações diversas. "Liberdade/Preconceito/Verdade/Loucura/Envergonhou a cidade". Leci transmite uma força indefinível de quem **transa na mais linda loucura e deixa a vergonha de lado**.

Eis que, de repente, surgido não sei da onde, aparece no palco o cantor Jessé, para receber o prêmio de melhor intérprete do Festival (???). Com uma interpretação muito brejeira e acalentadora da música **Porto Solidão**, uma letrinha água-com-açúcar vendável, o niteroiense Jessé, de 28 anos, conseguiu fazer a cabeça de muita gente, inclusive a minha. Vou ficar esperando outros trabalhos dele, quem sabe?

Pelo que deu pra notar, o Festival MPB-80 pode ter sido um fracasso, mas sem nenhum exagero foi uma festa gay, onde não escapavam concorrentes, jornalistas, jurados, técnicos e é claro o grande público. Mas de tudo o que aconteceu, só uma coisa me encuca: Não entendi por que no meio de excelentes intérpretes que defenderam boas músicas, e que claramente eram negros ou homossexuais, tinha de ganhar um cara chato, defendendo uma música chata, que além de ser branco era um heterossexual (pelo menos aparentemente). Será que é paranóia da Bicha? **(Antônio Carlos Moreira)**

☆☆☆☆ Escolha Seu Grupo ☆☆☆☆

"BANDO DE CÁ"/Niterói — Rua Gavião Peixoto, 100 — sobrado — Icaraí, Niterói, RJ — CEP: **24.000.**

"GOLS"/ABC — Grupo Opção À Liberdade Sexual — Caixa Postal, 426, Santo André, SP — CPE: **09.000.**

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE — Centro Luiz Freire, rua 27 de janeiro, Carmo, Olinda, PE — CEP: **53.000.**

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB — CEP: **58.000.**

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE — CEP: **54.000.**

GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2552, Salvador, Bahia — CEP: **40.000.**

TERCEIRO ATO/BH — Caixa Postal 1720, Belo Horizonte, MG — CEP: **30:000.**

BEIJO LIVRE/Brasília — Caixa Postal 070812, Brasília, DF — CEP: **70.000.**

SOMOS/RJ — Caixa Postal 3356, Rio de Janeiro, RJ — CEP: **20.100.**

AUÊ/RJ — Caixa Postal 25029, Rio de Janeiro, RJ — CEP: **20.000.**

SOMOS/Sorocaba — Caixa Postal 294, Sorocaba, SP — CEP: **18.100.**

LIBERTOS/Guarulhos — Caixa Postal 132, Guarulho, SP — CEP: **07.000.**

GRUPO LÉSBICA-FEMINISTA/SP — Caixa Postal, 293, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

EROS/SP — Caixa Postal 5140, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

SOMOS/SP — Caixa Postal 22196, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP — CEP: **05.019.**

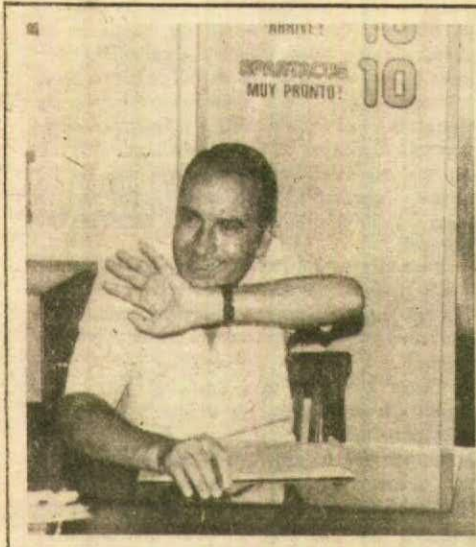
GRUPO OUTRA COISA/SP — Caixa Postal 8906, São Paulo, SP — CEP: **01.000.**

Atenção turmas de Porto Alegre e Goiânia: Quem estiver a fim de formar um grupo nessas bandas, basta entrar em contato com o seguinte pesssoal: **Porto Alegre** — Grupo Feminista "Costela de Adão," Caixa Postal 10.056 — Porto Alegre — RS — CEP: 90.000 e **Goiânia** — Tom, Caixa Postal 10.047 — Goiânia — Goiás — CEP: 74.000. Este pessoal tem mil dicas e informações para passar.

Porto Alegre Urgente! Atenção gueis residentes na área da grande Porto Alegre e que estiverem interessados em participar de um grupo guei de reflexão e encontro, entrem em contato com Paulo C. Bonorino, rua Cel. Marcelino, 41, Canoas, RS — CEP: **92.000.**

Um rapaz muito discreto

O anúncio discreto, publicado no LAMPIÃO/27, a oferecia fotos eróticas de nus masculinos. Rafaela Mambala, com a curiosidade típica de uma socióloga formada pela Sorbonne, foi uma das primeiras a se candidatar. Comprou seu vale postal e mandou para o endereço indicado, recebendo, dias depois, dez fotos do boneco aí de cima nas mais diferentes — e esdrúxulas — posições. Junto com as fotos, uma circular do fotógrafo, anunciando uma nova coleção (um modelo diferente para cada uma) a cada mês. Tudo sempre muito discreto, como manda o figurino. A essa altura, nossa curiosidade de repórter já falava mais alto: fomos procurar os responsáveis pelo anúncio, e eles nos mostraram uma parede cheínha de recortes do Lampa, tudo de gente que mandara pedir a tal coleção. Sucesso Total. Por uma questão de pundonor, a gente mandou dar um corte estratégico na foto do rapaz, mas na tal coleção ela (e as outras) vai inteirinha, com todos os detalhes. Cruzes!

Manuel Puig fala quase tudo

O namoro entre LAMPIÃO e Manuel Puig é antigo, e já teve até uma espécie de rompimento quando alguém foi dizer a ele, em Nova Iorque, que a gente tinha lançado (imaginem!) uma edição pirata do seu livro "O Beijo da Mulher Aranha". Na verdade, alguns lampiônicos se empenharam pessoalmente em ver o livro publicado no Brasil, acompanhando de perto as negociações com a Editora Civilização Brasileira, primeiro, e com a Livraria Cultura, depois, até que Jaguarette do Pasquim entrou na dança e os direitos de publicação foram comprados pela Codecri.

A entrevista foi marcada para uma segunda-feira de agosto, com os entrevistadores (Francisco Bittencourt, Leila Miccolis, João Carneiro, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira, Marcelo Liberali e eu; Adão Acosta chegou depois) lembrando, preocupados, uma das coisas que se costuma dizer sobre o escritor argentino: "Puig é uma pessoa muito difícil." Ele chegou quinze minutos depois da hora marcada, de bolsa e guarda-chuva (lá fora estava se armando um temporal, e boa parte da entrevista teve como trilha sonora o ribombar dos trovões); e depois de dar alguns autógrafos ("O Beijo da Mulher Aranha" já é "best-seller" até em nossa redação), sentou no local indicado pela fotógrafa Cyntia Martins, pronto para o bate-papo.

Não, Manuel Puig não é a "pessoa difícil" que nos haviam impingido. Na verdade, foi a entrevista mais divertida que LAMPIÃO já fez, com o entrevistado usando e abusando de uma mímica que incluía imaginários grampos de cabelo, pentes, leques de plumas, sombra, baton e rouge, todo um estoque de gestos descontraídos com os quais ele procurava frisar as coisas importantes que dizia. Não se falou de Argentina, mas isso não foi uma falha; o que Manuel Puig tem a dizer sobre o seu país já está nos seus livros, principalmente neste "O Beijo da Mulher Aranha", que tem tanto a ver com todos nós. (Aguinaldo Silva)

Aguinaldo — **Eu li duas críticas brasileiras sobre o teu livro, e nelas os críticos diziam que o personagem Molina, de "O Beijo da Mulher Aranha," é Puig. Você falou isso pra alguém?**

Puig — Não, e até fiquei zangado com isso; desse modo, estão querendo dizer que eu sou homossexual, com fixação feminina e corruptor de menores.

Alceste — **Por estas razões, é que você não gosta de ser comparado ao personagem Molina?**

Puig — Eu não sou o Molina! Temos muitas coisas em comum, mas eu não sou ele!

Aguinaldo — **Como também não é o personagem Valentim...**

Puig — Muito menos Valentim! **(risadas gerais, e uma pausa para situar quem ainda não leu o livro: Molina é uma bichinha; Valentim é um esquerdista monolítico; os dois estão presos na mesma cela de um cárcere argentino. Sacaram o drama, queridinhas?**

Francisco — **Mas cada um deles tem um pouco de você...**

Puig — Bom, sempre os meus protagonistas são uma possibilidade minha; as mulheres e os homens. Eu não poderia ter um protagonista torturador, por exemplo. Eu uso cada personagem como uma maneira de enfrentar problemas meus; através deles eu creio ter mais coragem, mais valor para analisar estes problemas, que diretamente, na vida. Então, meus protagonistas são sempre possibilidades minhas. Por isso um torturador não poderia ser protagonista de uma das minhas novelas; poderia estar lá, talvez como um elemento importante para a ação; mas como eu não compreendo este personagem, não posso desenvolvê-lo.

Alceste — **Mas você reconhece, então, que tem coisas de Molina e de Valentim...**

Puig — É possível...

Alceste — **Mais do Molina, não é? E o que seriam essas coisas?**

Puig — Bom, eu escrevi este romance porque tinha necessidade de um personagem que defendesse o papel da mulher submetida **(outra pausa: Puig desiste do portunhol e anuncia: "Vai tudo em espanhol mesmo, está bem?" Leila e Aguinaldo se olham significativamente; um dos dois terá, depois, que copiar a fita gravada...)**. Eu não estava, naquele momento, decidido a trabalhar com um protagonista homossexual. Tinha postergado isto sempre, por uma razão muito clara: é que os leitores heterossexuais tinham tão poucas informações sobre o que era a homossexualidade, que me parecia difícil falar sobre o assunto. Afinal, é sempre com a cumplicidade do leitor que se fabrica um personagem, não é? Então, eu contava com leitores que tinham poucas informações sobre o assunto, e assim, direto, eu preferia não abordá-lo. Mas o que me interessava por em discussão era o papel da mulher submetida; e só me ocorreu um personagem que poderia representá-lo: era um homossexual com fixação feminina! Isso me levou, também, a incluir no livro aquelas notas de pé de página; para que o leitor pudesse se colocar melhor ante a personagem Melina. Sim, porque há muitas questões sexuais que ainda não estão claras; e uma, sem dúvida, é a questão da homossexualidade; até poucos anos não se sabia nada sobre ele; só de uns dez anos para cá é que começaram a aparecer livros, pesquisas, mais informações. Outra questão: quem sabe alguma coisa sobre a sexualidade da mulher depois da menopausa? Quem sabe exatamente o que acontece com ela? O prazer sexual diminui, aumenta, hem? Mistério!

Leila — **Você já pensou em escrever um livro sobre esta questão?**

Puig — Não sei; nunca havia pensado nisso antes.

Aguinaldo — **Mas então "O Beijo da Mulher Aranha" não é um livro de Manuel Puig sobre o homossexualismo. Você acha que fica devendo este livro aos seus leitores?**

Puig — Bom, embora não tenha sido esta a intenção inicial, acho que o livro acabou se tornando uma discussão sobre a homossexualidade. Agora o meu próximo projeto é um livro sobre um bofe brasileiro... **(Risadas gerais. Alguém, não identificado, proclama: "Esse personagem, Puig, a gente conhece muito bem.**

Francisco — **Eu discordo de Aguinaldo; acho que "O Beijo da Mulher Aranha" é um livro sobre o homossexualismo, sim. E não há ninguém mais homossexual que este Molina, que eu diria, inclusive, que é autobiográfico. Por exemplo: aqueles filmes que ele conta, e que eu vi todos...**

Puig — Não são os meus mitos!

Francisco — **... Eu sei que não -²-. Aqueles filmes você viu na adolescência, não é**

Puig — Infância...

Francisco — **Eu me lembro de todos eles: "Sangue de Pantera"...**

Puig — Este eu usei todo. "A morta Viva" também. "Sem Milagre de Amor" é que eu só usei a primeira parte; a segunda era tão ruim que a reescrevi, quer dizer, Molina reescreveu. O da alemã é inventado.

Francisco — **Mas não é "O Judeu Errante"?**

Puig — Não; é invenção minha. Mas veja bem: estes filmes não são os meus mitos, e sim, de Molina. Meu cinema preferido é aquele dos primeiros anos da década de 30, quando os gêneros cinematográficos ainda não estavam completamente estabelecidos, apareciam misturados no mesmo filme. Sternberg, Lubistch, etc.

Aguinaldo — **No Brasil, a gente já pode dizer que há uma tradição de novelas homossexuais, ou que abordam o tema. Você sabe de alguma coisa parecida na Argentina? Por exemplo: tem uma novela de Júlio Cortazar, "Los Prêmios", que tem um personagem homossexual.**

Puig — Bom, eu não sou a melhor fonte pra falar sobre isso, porque minhas leituras são muito limitadas. Não tenho vergonha de dizer isso, porque minha formação foi outra, foi cinematográfica, eu tenho muita dificuldade de me concentrar na leitura, trabalho o dia inteiro, e à noite, se resolver ler um livro de ficção, me dá vontade de reescrevê-lo; assim, prefiro ler biografias, ensaios, etc. Ficção, nunca. **(Nesse ponto da entrevista, a meia-dúzia de escritores presentes murcha de decpção; quem pretendia oferecer um dos seus livros a Puig desistiu na hora)**. Leitura, pra mim, só se não tiver estilo, porque se tiver, ai!, me dá um troço na hora, eu pego a caneta e começo a consertar...

Aguinaldo — **Pois é, você se preparou pra fazer cinema. E como é que veio parar na literatura?**

Puig — Bom, na verdade, eu estava escrevendo um roteiro; o momento em que este roteiro se transformou em novela (**"Boquinhas Pintadas": foi o primeiro livro de Puig**) eu nã o sei bem como foi, porque foi uma coisa que aconteceu sozinha Acho que foi porque, pela primeira vez, estava trabalhando com material autobiográfico. Antes, nos meus roteiros, eu fazia cópias de filmes antigos; o que me excitava era copiar, e não criar. Mas quando resolvi escrever um roteiro a partir de um tema autobiográfico, precisei de muito mais espaço, e assim surgiu uma novela.

Alceste — **Foi uma questão de comodidade, então?**

Puig — Não; de exigência do tema; ele me pediu um tratamento analítico, e não sintético; isso só seria possível numa novela.

João Carneiro — **Voltando a essa história de você não gostar de ler: como é, então, que você fez aquela pesquisa sobre homossexualismo incluída nas notas de pé de página de "O Beijo da Mulher Aranha"?**

Puig — Bom, aquilo não me custou nada, porque não era ficção; meu problema é apenas com a leitura de ficção.

Alceste — **Mas qual foi sua intenção, ao colocar no livro aquelas notas?**

Puig — Já disse: foi explicar melhor o personagem Molina. Veja, eu pensei particularmente na Espanha de Franco; naqueles jovens de província, que estavam saindo de toda aquela repressão, que nunca tinham lido sequer Freud... Eles não sabiam nada sobre a homossexualidade; como iam entender o Molina sem aquelas notas?

João Carneiro — **Pra mim você escreveu um livro não apenas sobre o homossexualismo, mas também sobre a sexualidade; o que se discute no seu livro é a questão sexual. Eu acho muito importante esta saída do gueto...**

Puig — Ah, sim, eu me preocupo muito com essa questão do gueto, principalmente por causa do tempo que vivi em Nova Iorque. Lá são criados verdadeiros guetos, e eu não creio que esta seja uma saída correta para o problema. Isso já acontece com esta forma limitada de sexualidade que é a heterossexualidade: os heterossexuais têm seus próprios lugares, por exemplo, e eu acho loucura pensar que este é um padrão a seguir, quer dizer, que os homossexuais também criem seus próprios lugares e se isolem neles.

João Carneiro — **De qualquer modo me parece que você articula a cela, no livro, como um duplo gueto: o gueto de uma sexualidade alienada, e o gueto de uma militância política alienada. E aí é que, pra mim, pintou uma contradição: você acaba liberando muito mais o militante político do que o homossexual... Molina termina, no livro, quase tão alienado quanto começou; ele apenas serve de instrumento para a liberação de Valentim.**

Puig — Bom, esse tipo de homossexual, com a idade de Molina, já tem certos valores estabelecidos, uma certa formação da qual ele não pode se livrar. O terrível da sexualidade, me parece, é que, a partir de certa idade, ela cristaliza certas formas eróticas, certos moldes eróticos dos quais dificilmente se pode sair.

Alceste — **Neste ponto o seu livro é perfeito: você descreve Molina com características bem conservadoras. Por exemplo, tem um momento em que ele está falando do garçon, do seu namorado. Valentim lhe pergunta: "É casado?" Ele responde: "Sim; é um homem normal."**

Puig — Pois é: ele não tem dúvidas sobre os seus mitos. Ele acredita no macho, é um macho que ele quer.

Leila — **Seus livros sempre foram muito bem recebidos pela crítica. Mas eu noto, em relação a "O Beijo da Mulher Aranha", uma certa severidade. A que você atribui isso?**

Puig — Bom, eu encontrei muitas dificuldades para publicar este livro. Na Espanha, não, porque eu vendo muito lá, e o editor sabia que ia ganhar dinheiro com o livro. Porém na Itália, por exemplo: lá o meu editor era Feltrineli, que é a editora mais à esquerda; ele rejeitou o livro.

Aguinaldo — **O livro chegou a ser vendido na Argentina?**

Puig — Não, está proibido. Eu já tinha saído de lá há sete anos, quando "O Bejo da Mulher Aranha" foi lançado na Espanha. Saí logo depois que proibiram outro livro meu, "The Buenos Aires Affair", aí começaram os problemas. Isso foi no governo de Peron, mas depois a junta militar do General Videla renovou a proibição. Ah, voltando às dificuldades: a Gallimard, na França, também rejeitou o livro. Quanto aos críticos, sempre batiam na mesma tecla: diziam que ele era sentimental demais, etc.. Mas é um livro com sorte, porque as pessoas o lêem; para o leitor médio, ele funciona.

Aguinaldo — **Vendeu tanto quanto os outros livros seus?**

Puig — Vendeu mais.

ENTREVISTA

Alceste — **Além dessa mensagem para a esquerda, que você colocou no personagem Valentim, eu sinto que em seu livro também há um recado para os católicos, através de todos aqueles valores tomistas que o mesmo Valentim carrega dentro de si. Por exemplo, quando os dois discutem o que é ser homem, ele diz que ser homem é não humilhar o próximo, é respeitá-lo etc.; aí Molina comenta: "Isso não e´ ser homem; é ser santo".**

Puig — Bom, isso eu tirei de uma pessoa real.

Alceste — **Quer dizer que Valentim existiu?**

Puig — Em parte. Eu não tinha nenhumn contato com a guerrilha argentina. Mas em maio de 73, quando libertaram alguns presos, um amigo meu me levou a eles, e então fiz uma pesquisa, já com a intenção de escrever o livro. Na verdade, pensei em fazê-lo no final de 1972, dedicado especialmente a um amigo meu. Porque meus livros também têm essa intenção: eu os escrevo porque desejo mostrar a alguém que ele está equivocado num determinado assunto. Foi assim com "A Traição de Rita Hayworth". Um amigo meu, companheiro de vissicitudes no cinema italiano me dizia, "ah, que coisa, nós com nossa formação de espectadores infantis, dominados por uma mãe que nos arruinou a vida... "E eu lhe respondia: "Foi teu pai quem te arruinou a vida!" Sim, porque todos os que tinham problemas culpavam as mães superprotetoras, enquanto os pais indiferentes ficavam livres de toda a culpa. Então, eu me ergui, e disse," basta!, é preciso defender as santas!". E como o tal sujeito era muito inteligente, tinha uma dialética arrasadora, eu me enchi de raiva e escrevi o livro. No caso de "O Beijo da Mulher Aranha," ele foi escrito para uma pessoa que me disse uma vez: "E você sabe lá o que é um homem!"; era um mexiano... (**Puig é muito enfático em todo esse trecho da entrevista; ampara as palavras numa mimica riquíssima, e transforma os entrevistadores em platéia, provocando neles a reação que lhe parece mais conveniente. Nesse trecho, todos riem**). Bom, o fato é que eu tenho o raciocínio lento; muitas vezes escuto uma coisa dessas e não sei como responder na hora. O resultado é que, depois, o ressentimento cresce de tal forma que explode num livro...

Alceste — **E quanto ao tal livro sobre o bofe brasileiro? É pra responder a quem?**

Puig — Não dá pra dizer. (**A resposta evasiva é acompanhada de uma mímica especial: ele finge pôr alguns grampos no cabelo**)

Francisco — (irônico) **Ah, então é isso, não é?**

Puig — Mas antes de escrevê-lo eu já tinha outro livro pronto: "Maldição Eterna a Quem Leia Estas Páginas". E um que foi publicado depois de "O Beijo". O título é "Pubis Angelical".

Francisco — **Você está morando no Brasil, não é? E está trabalhando numa versão teatral de "O Beijo..." Dá pra falar sobre isso?**

Puig — Bom, o Brasil sempre me fascinou. Quando ainda estava na Argentina, sempre que viajava para a Europa, os Estados Unidos, dava um jeito de parar no Brasil; tem uma coisa brasileira que sempre me fascinou: a possibilidade de ser espontâneo, coisa que para os argentinos lhes custa muito.

Francisco — **A você não custa tanto assim; você é muito espontâneo.**

Aguinado — **Mas foi só por isso que você veio morar no Brasil?**

Puig — Ahn... Uhn...

Alceste — **Alguma história de amor?**

Puig — Ahn... Uhn... Bom, gente bonita há em outros países também. Mas aqui há uma combinação muito especial. Além disso, meus problemas de saúde; tenho que fazer exercícios, ir à praia todo dia, e é muito difícil pra mim viver numa cidade pequena. O Rio é a única cidade grande que eu conheço com praias. (**A explicação não convence; todos protestam; alguém diz que Puig está fugindo do assunto; Alceste não podia ser mais explícito; pergunta, com seu vozeirão: "Foi por causa de um bofe?". Puig: "Ahn... Uhn....")**

Aguinaldo — **E essa mudança interferiu de alguma maneira em seu trabalho?**

Puig — Pelo contrário. Tenho trabalhado bastante. Tanto que pretendia escrever alguma coisa sobre a Argentina, mas aí um personagem se atravessou no meio do meu trabalho.

Leila — **O tal bofe...**

Puig — Ahn... Uhn... Quanto à versão teatral de "O Beijo da Mulher Aranha", quem me procurou, aqui no Brasil, foi Dina Sfat. Na Itália já tinham feito uma, que fez muito sucesso. Quando Dina me procurou, aqui no Brasil, seu entusiasmo em relação ao trabalho acabou me contagiando; começamos a falar sobre eles, e tanto falamos que eu acabei fazendo a adaptação: ela já está pronta, e a própria Dina vai produzi-la e dirigi-la.

A partir da esquerda: Aguinaldo, Francisco, Alceste e o entrevistado

Leila — **Voltando ao começo: você disse que em "O Beijo..." queria falar da questão da mulher submetida. Pronta a obra, você acha que essa intenção ainda ficou de pé, ou acabou diluída num projeto mais amplo? Houve alguma reação de feministas, por exemplo, em relação ao livro?**

Puig — Não, eu creio que essa intenção permaneceu em primeiro plano, porque as mulheres são as principais defensoras dessa novela. Primeiro eu gostaria de lhe dizer qual o meu conceito de feminino; pra mim, ele se resume a três coisas: sensibilidade, reflexão e insegurança, esta última, também, como uma virtude. Mais precisamente, meu último livro, "Pubis Angelical", é uma discussão feminista; é a história de uma jovem que se encontra com a revolução sexual, e que reage como pode, não como quer. Nos dois casos, eu escolhi protagonistas fracos. Molina é fraco; há homossexuais bem mais fortes que ele, mais lúcidos, etc. A mulher de "Pubis Angelical" também não é a mais inteligente das mulheres. Minha intenção, com isso, é fazer com que o leitor perceba o problema dos personagens e reaja em relação a ele.

Marcelo — **Mas o Molina, dentro da fragilidade dele, da alienação, ele consegue dar o seu recado.**

Alceste — **E depois, esse tipo de homossexual existe mesmo...**

Francisco — **E é comovente em sua fragilidade...**

Aguinaldo — **Não acho que seja frágil; acho que ele é paciente...**

Puig — Mas um grupo de liberação homossexual norte-americano me cobrou um personagem forte...

Aguinaldo — **Acho que este tipo de homossexual ativista, monolítico, é que é frágil; ele acaba sendo igual ao Valentim...**

Leila — **Você viveu onde?**

Puig — Antes, estudei cinema na Itália. Depois, nesta fase de exílio, vivi no México, nos Estados Unidos e na Espanha.

Leila — **Nestes países você manteve contatos com grupos homossexuais? Como é que você vê estes movimentos?**

Puig — Sempre de modo muito positivo. Apenas, nos Estados Unidos, há essa tendência para a separação, para o gueto. Creio que não se deve perder de vista o fim último da liberação, que é a sexualidade total. Está bem, vamos defender uma posição de minoria atacada, unir-se para se defender melhor, porém não pensar que este é o ponto final. Porque assim os heterossexuais também estariam certos ao defender suas posições fechadas.

João Carneiro — **Você disse que um grupo homossexual norte-americano não gostou da fragilidade de Molina; queriam um homossexual forte. Pois aqui no Rio, seu livro tem sido muito discutido nos grupos, e eu noto uma solidariedade muito grande das pessoas em relação àquele personagem. Me parece que o mais importante do seu livro, nesse aspecto, é que ele deixa bem claro que é inevitável um diálogo entre homossexuais e heterossexuais. Você poderia falar sobre isso?**

Puig — O problema com os norte-americanos está numa valorização talvez inconsciente do masculino. Para mim trata-se de um equívoco, pois o que é preciso é reivindicar o aspecto positivo do feminino. Porque de machos...

Aguinaldo — **...A gente já está de saco cheio!**

Puig — Claro, já temos em demasia estes ditadores, suas hipocrisias!

Alceste — **Eu sempre achei essa fixação dos gueis norte-americanos no masculino uma coisa muito à direita; não sei se você concorda.**

Puig — Totalmente. Pra mim, isso é fascismo.

Alceste — **Inclusive os ditadores assumem essa mesma postura: são todos "muy machos" não é?**

Puig — é que para os americanos, também, é muito difícil elaborar a questão do feminino, porque eles têm elementos muito fortes de matriarcado. Nos nossos países, não: a mulher sempre esteve ao lado dos perdedores.

Francisco — **A mulher é um mistério tanto no lado heterossexual, como no lado homossexual.**

Leila — **É. Nos dois lados ela continua oprimida por uma mentalidade patriarcal que faz com que ela seja oprimida em qualquer lado que esteja.**

Aguinaldo — **Mistério mesmo. Um dia desses eu estava conversando com uma pessoa heterossexual sobre o órgão genital feminino. Aí eu lembrei um detalhe que ele desconhecia. Então eu lhe perguntei, "mas como, você nunca procurou ver como é que é?" E ele: "Não; eu como, mas nem olho..."**

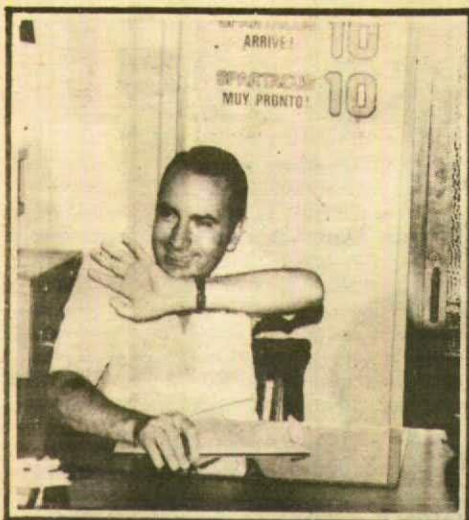
Leila — **Que horror!**

Aguinaldo — **Quer dizer, o cara vive apregoando que gosta de xota; na verdade, ele tem é pavor!**

Leila — **Você vai viajar agora, não é?**

Puig — Sim, para os Estados Unidos. Tenho uma oficina literária na Universidade de Columbia.

Alceste — **Já que está nos seus planos um livro**

ENTREVISTA

sobre o tal **bofe brasileiro, eu pergunto: o que é que você acha do homem brasileiro?**

Aguinaldo — **Inclusive fisicamente?**
Alceste — **Claro!**
Puig — Ahn... Uhn...
Leila — **Você chegou aqui no carnaval, não foi? Você pulou muito?**

Puig — Não. O meu samba tem uma coreografia muito influenciada por Hollywood, Carmem Miranda, etc. Aqui me olham com grande desprezo quando eu começo a dançar...

Aguinaldo — **Você ainda vai muito ao cinema?**

Puig — Sim. Mas acho que o realismo acabou com o cinema. Filmes como "La Luna" e "All That Jazz" me fazem chegar à conclusão que o cinema pode ser a última forma de tortura...

(Aqui começa uma longa discussão sobre cinema; fala-se de cinema brasileiro; Puig informa que, após a entrevista, pretende ir ao Cine Orly, na Cinelândia, ver "República dos Assassinos"; Alceste lhe diz que no Orly as pessoas nunca vêem os filmes, fazem outras coisas. Puig sorri, feliz. Alguém lhe pergunta se ele viu um filme brasileiro recente, de grande sucesso. Ele diz que sim; ante outra pergunta — "O que você achou?" —, ele pede, antes de responder, que desliguem o gravador)

João Carneiro — **Já se falou nisso, aqui, de outra forma, mas eu gostaria de insistir: me parece que em sua obra existe uma mensagem cristã; você teve uma formação cristã?**

Puig — Bom, me interessa, da mensagem de Cristo, o resgate do feminino. Cristo assumiu muito este lado feminino, de doçura, de suavidade, mas a Igreja nunca encarou este fato. Quanto à formação cristã, não sei...

Aguinaldo — **Você tem sido procurado por estudantes brasileiros interessados em sua obra? Como têm sido os seus contatos com eles?**

Puig — Oh, estes contatos apenas começam. Estou interessado mesmo é em contactar o pessoal de cinema. Tem um filme cujo roteiro eu escrevi: foi filmado no México e o protagonista é um travesti; ganhou prêmios em festivais internacionais, etc...

Adão — **Este filme estava pra ser lançado aqui; era da Pelmex. A cooperativa, que comprou o Ricamar, prometeu fazer uma première, mas depois ninguém falou mais no assunto.**

Aguinaldo — **Alô, alô, pessoal da cooperativa: que tal lançar o tal filme? A gente garante o sucesso... Escuta, Puig, quantas horas você trabalha por dia?**

Puig — Ah, o dia inteiro. Porque tenho muitas traduções, muitas revisões, muita correspondência.

Aguinaldo — **Mas se você trabalha praticamente todo o dia, quando é que faz as outras coisas?**

Puig — Eu creio que trabalho tanto porque não tenho muita facilidade para conseguir as outras coisas...

Puig fala, Leila Míccolis sorri

Leila — **Não acredito... Bom, a fita está quase acabando; o jornal, como você sabe, é dirigido às minorias; há alguma coisa que você queira dizer especialmente? Alguma coisa dirigida às mulheres, aos negros...**

Puig — Você disse negros. Bom, quando surgiu aquele assunto, "porque eu escolhi o Brasil para morar", etc.; bom, suponho que esta diferença que há aqui em relação à Argentina, essa possibilidade de ser espontâneo, eu diria mesmo até uma certa alegria de viver, têm que ver com...

Francisco — **La sangre negra...**

Puig — ...Sim, porque suponho que o inconsciente coletivo da raça negra é mais saudável, porque esteve durante menos séculos exposto a uma cultura repressiva.

Alceste — **Engraçado, todos os estrangeiros chegam aqui e encontram essa tal alegria de viver...**

Puig — Mas isto me parece que é uma coisa, uma contribuição da raça negra: ela representa uma sabedoria ancestral. Era sobre isso que eu queria falar, por último. Agora, repetindo o que nós dissemos sobre o fascínio dos homossexuais norte-americanos em relação ao elemento masculino, é bom terminar dizendo que de machos...

Aguinaldo — **A gente já está de saco cheio!**

(Um coro alegre encerra a entrevista. Todos juntos: "É isso aí)

ATIVISMO

Frente de Liberação Homossexual da Argentina: um histórico

1. O CONTEXTO

Foi em 1969 que um grupo de homossexuais se reuniu num cortiço da periferia de Buenos Aires para a primeira tentativa de organização homossexual na Argentina. Nasceu daí o Grupo Nuestro Mundo, cujos integrantes geralmente provinham de setores militantes da baixa classe média e eram liderados por um antigo membro do PC que fora expurgado graças à sua homossexualidade. Durante dois anos, esse grupo se dedicou a bombardear as redações dos jornais portenhos com boletins mimeografados, onde se preconizava a liberação dos homossexuais.

Em agosto de 1971, o encontro do Nuestro Mundo com um grupo de intelectuais inspirados pelo Gay Power americano resultou no nascimento oficial da Frente de Liberação Homossexual da Argentina (FLHA). Entretanto, esse período de 1969/71 é importante não apenas como marco da liberação homossexual mas também como um momento decisivo na vida política argentina. Em 1969 ocorre o chamado "cordobazo", uma insurreição popular centralizada na cidade de Córdoba e que acabou derrubando o governo autoritário do general Onganía. A partir de 1971, há um crescimento de movimentos radicais no país: aparecem agremiações de esquerda e organizações estudantis antiautoritárias. Ao mesmo tempo, inicia-se a administração liberal do militar Lanusse, que nas eleições 1973 entregaria o poder aos peronistas.

Estas referências são importantes: a FLH surgiu dentro de um clima de politização, contestação e crítica social generalizada — e não pode ser entendida por fora dele. Como boa parte dos argentinos da época, a Frente acreditava na "libertação nacional e social", procurando realizar suas reivindicações especificamente homossexuais. Ela representava a reação da minoria homossexual diante de um situação tradicionalmente opressiva, que a ditadura militar implantada em 1966 tinha levado até extremos sem precedentes. Além disso, a Frente resultava também do desejo de uma minoria de homossexuais "esclarecidos" (com perdão da palavra), ansiosos de participar do processo de transformação presumivelmente revolucionário, garantindo um espaço onde suas condições de vida e de sexualidade pudessem ser colocadas. Por isso, durante toda a história da Frente, existiram dois elementos constitutivos que foram constantes e fundamentais: uma sincera nessidade de liberar-se do machismo profundamente arraigado na sociedade argentina e a convicção de que essa liberação não ocorreria senão no contexto de uma transformação revolucionária das estruturas sociais vigentes.

2. A FORMAÇÃO DOS GRUPOS

Os primeiros integrantes da FLH pretendiam funcionar como um movimento conscientizador que se enquadrasse dentro das categorias ideológicas do marxismo. Mas quando, em março de 1972, um grupo de dez estudantes universitários (o grupo Eros) ingressou na Frente, o movimento ganhou uma tônica contestadora diferente das previsões iniciais, com influências de tipo mais anarquista. Isso deu margem a uma profícua polêmica que se refletiu no primeiro Boletim da FLH, publicado em março de 1972, onde se encontravam dois documentos contrapostos: um deles propunha que o objetivo da Frente era fazer com que a esquerda incorporasse em seus programas as reivindicações homossexuais; o outro dava maior importância ao papel da sexualidade e referia-se com ceticismo aos "cinqüenta anos de revoluções socialistas".

Mas tais diferenças não impediram um acordo em cima de Pontos Básicos que constituíram o programa do movimento nascente. São eles: encaminhar "reivindicações democráticas específicas", como a suspensão imediata da repressão policial contra homossexuais, abolição dos decretos anti-homossexuais e libertação dos homossexuais presos; o modo de opressão "heterossexual compulsivo e exclusivista" vigente é considerado próprio do "capitalismo e de qualquer outro sistema autoritário"; pretende-se realizar alianças com os "movimentos de liberação nacional e social", assim como com os grupos feministas.

Do ponto de vista organizativo, a FLH se definia como uma aliança de grupos autônomos que coordenava ações comuns a todos. No seu apogeu (setembro 72/agosto 73), o movimento chegou a contar com uns dez grupos, cada um dos quais constituído por uma média de dez militantes, além de grande número de simpatizantes. Os grupos mais importantes eram: Eros, Nuestro Mundo, Profesionales, Safo (lésbicas), Bandera Negra (anarquistas), Emanuel (cristãos), Católicos Homossexuais Argentinos, etc.

Toda sua atividade se limitou a Buenos Aires, chegando a conseguir simpatizantes em Córdoba, Mendoza e promovendo atividades em Mar del Plata, junto com as feministas locais. Em 1975, uma revista de Buenos Aires noticiou a formação de um grupo homossexual em Tucumán. É preciso não se esquecer que, sendo clandestina, a FLH sempre teve muita dificuldade para estabelecer contatos, que geralmente ocorriam de boca em boca.

3. AS TAREFAS

Para se desenvolver, alguns grupos realizavam "reuniões de informação" que atingiram uma boa parte da comunidade entendida de Buenos Aires. O pessoal homossexual se reunia em casas particulares, para discutir as linhas gerais dos grupos, e ia se integrando ao movimento.

Na prática, buscava-se também uma politização geral, a par da conscientização especificamente homossexual. Isso afastou da Frente os homossexuais burgueses, de modo que o movimento sempre foi extremamente pobre, integrado em geral por pessoas da classe média e baixa, inclusive com alguns proletários e lumpens.

Nas reuniões, utilizavam-se técnicas de conscientização emprestadas do feminismo; com elas, buscava-se descobrir os elementos mais abrangentes da opressão, a partir das opiniões pessoais sobre temas específicos como família, a culpa, etc. Com isso, pretendia-se transformar essa consciência da opressão em força de transformação revolucionária. Além de que, rejeitava-se o enrustimento, compreendido como utilização de máscaras sociais; e analisavam-se com seriedade os mecanismos de marginalização e manutenção de guetos.

Outros grupos se dedicaram mais à produção de textos teóricos. O Profesionales, por exemplo, preparou uma pesquisa sobre homossexualidade que afinal não chegou a ser terminada. O Eros preferia organizar panfletagens em lugares públicos, especialmente no início da primavera, escolhido a propósito. Nos panfletos havia geralmente um **slogan** bem representativo das posições do movimento: "Amar e viver livremente num país liberado". Mas veiculavam-se também muitas reivindicações e protestos contra a ação da polícia. Com tais métodos de agitação de rua, a FLH procurava se fazer vivamente presente. Outros de seus slogans comumente veiculados: "machismo = fascismo", "O machismo é o fascismo entre quatro paredes", "Pelo direito ao próprio corpo", "Abra-se", etc... Chegou-se até a mandar provisões para homossexuais na prisão. Para arrecadar dinheiro, organizavam-se grandes festas, onde se solicitavam contribuições das pessoas. Além disso, cada participante ajudava em uma quantia paga mensamente.

4. PERONISMO E DESENCANTO

Em 1972 o peronismo lançou-se com decisão às eleições governamentais. Boa parte da FLH deixou-se levar pelo discurso populista da Juventude Peronista e participou de algumas mobilizações promovidas por essa organização. Em função das eleições de março de 1973, a FLH tentou contatar outras agremiações políticas, mas quase nada conseguiu; foi reconhecida apenas pelos trotskistas do Partido Socialista dos Trabalhadores, e mesmo assim não publicamente. Acabou por soltar um documento onde pedia que se votasse "contra a ditadura de Lanusse" — e no entanto, essa mesma ditadura havia permitido certa liberalização, com a abertura de boates e saunas entendidas, apesar de manter sempre uma latente repressão policial. O triunfo do peronismo provocou uma ebulição que atingiu a maioria dos membros da FLH, levando-os a uma maior participação em atos públicos. Foi numa dessas manifestações pela libertação dos presos políticos que ocorreu um borborinho de mal-estar quando se leu o nome da Frente de Liberação Homossexual entre os participantes.

A partir de um trabalho de panfletagem durante um festival de **rock** organizado pela Juventude Peronista, a FLH passou a participar do grupo Parque, integrado fundamentalmente por roqueiros ansiosos de não ficarem à margem desse processo político que duraria até fins de 1973. Enquanto a experiência prosseguiu, certos elementos da FLH passaram a atuar em grupos de discussão que se reuniam num Parque. Em meio a importantes divergências, a maioria da FLH decidiu participar, em maio de 1973, das manifestações de comemoração à ascensão do peronismo ao poder, justamente na Plaza de Mayo. Estiveram presentes uns 100 participantes homossexuais reunidos debaixo de um cartaz onde se lia um verso da Marcha Peronista: "Para que reine o amor e a igualdade entre o povo." Nessa ocasião foram distribuídos panfletos onde a liberação nacional era associada à liberação sexual. O grupo foi então atacado por peronistas de direita, mas defendido por outros de esquerda. Logo depois, a FLH participou da manifestação de recepção a Perón, quando ocorreu o massacre de populares no Aeroporto de Ezeiza.

A FLH conseguiu certa publicidade, graças à sua participação nesses eventos. Uma revista sensacionalista publicou uma reportagem de primeira página sobre o grupo. Em conseqüência, a ala fascista do peronismo encheu a cidade com cartazes contra "os guerrilheiros da ERP, os homossexuais e os maconheiros". Recomeçaram as batidas aos bares entendidos, ao mesmo tempo que militantes do movimento homossexual eram presos e espancados pela polícia, chegando mesmo a ocorrer invasão à casa de um deles. A Juventude Peronista, por sua vez, negou perante a imprensa, que houvesse homossexuais em suas fileiras. E até mesmo os militantes montoneros se manifestaram através de uma palavra de ordem: "Não somos viados nem maconheiros." Foi assim que, abruptamente, ocorreu a ruptura. Vale dizer que, no seu curto romance com a esquerda peronista, a FLH não conseguiu avistar-se uma única vez com a direção da Juventude Peronista, a nível oficial.

Após esse desencanto com o peronismo, a FLH procurou relacionar-se mais com a esquerda. Levando um cartaz com suas siglas, participou da passeata em repúdio ao golpe de Pinochet no Chile (1973). Mas ocorreu um fato engraçado: os grupos de esquerda mudavam de lugar para não ficar junto das bichas. Finalmente, apenas alguns trotskistas e anarquistas aceitaram sua vizinhança. Mas a FLH realizou outras tentativas; na mesma época, fez um pronunciamento ao microfone de uma boate entendida. Seus participantes foram expulsos do local, sob acusação de serem comunistas. Pouco depois, essa mesma boate (Monali) era baleada por comandos de direita; seus fregueses foram agredidos e a boate acabou sendo fechada.

No primeiro semestre de 1973, a Frente tinha distribuído para algumas organizações (Associação de Psicólogos, Federação de Psiquiatria, Associação dos Advogados) um documento reivindicando o fim da repressão policial aos homossexuais, buscando apoio para enviá-lo ao novo governo. Mas essas tentativas acabaram frustradas pelo rápido processo de endurecimento do peronismo. Assim, no final de 1973, a FLH e os homossexuais nela representados encontravam-se definitivamente desesperançados quanto à possibilidade de um fim imediato à repressão policial. Desfizeram-se as ilusões liberacionistas, ante a disposição da polícia em não mudar um milímetro de sua posição tradicional. As batidas continuaram sem cessar.

Tais acontecimentos vinham mostrar o equívoco dos ideólogos da FLH, que depositavam esperanças no peronismo. Ao mesmo tempo, a indiferença e descaso da grande maioria da comunidade guei de Buenos Aires para com as atividades do movimento homossexual foi se transformando aos poucos em franca hostilidade.

5. A REVISTA SOMOS

No final de 1973, a FLH julgou necessário dar um pouco mais de atenção à comunidade homossexual, que tinha sido esquecida no meio de tanto ativismo político, e decidiu publicar uma revista chamada **Somos**. Já em junho de 1973 tinha sido editado o único número do jornal **Homossexuales**. Mas um artigo aí publicado ("Machismo e Opressão Sexual") afirmava, através de uma análise muito interessante, que a desmunhecação era simplesmente a outra face da moeda do machismo. Por causa dessa afirmação, boa parte dos militantes da FLH se recusou a distribuir o jornal. Aliás, a discussão sobre a bicha-louca e o travesti consumiu muitas energias intelectuais do movimento; enquanto alguns consideravam os trejeitos efeminados como uma expressão revolucionária e pró-feminista, outros julgavam-nos uma simples reafirmação da opressão machista.

Em dezembro de 1973, Perón (presidente pela terceira vez) lançou uma "Campanha de Moralização". A FLH distribuiu um panfleto intitulado "Tia Margarida impõe a moda Cary Grant", em alusão ao então chefe de polícia, que se chamava Margaride; e desperta ressonância positiva entre homossexuais e roqueiros. Por essa mesma época sai o primeiro número da revista **Somos**, que duraria até janeiro de 1976, com oito números. **Somos** chegou à tiragem máxima de 500 exemplares por edição, sendo distribuído de mão em mão. Era modestamente impresso e pretendia ser um instrumento de conscientização. Publicava trabalhos teóricos, informações, literatura, etc., sempre de maneira clandestina, apesar de que em alguns números se utilizou o endereço de um grupo americano. Hoje, a revista talvez seja mais válida como testemunha do que como material de discussão. Seu último número era uma antologia de documentos praticamente incompreensíveis para quem não tivesse um mínimo de informação teórica sobre política homossexual. Uma de suas iniciativas mais brilhantes foi a publicação dos termos utilizados para significar o coito, na Argentina — mais de cem, aliás. Houve um escândalo entre os leitores.

6. FEMINISMO E POLÍTICA SEXUAL

Desde o princípio a Frente de Liberação Homossexual preocupou-se e conseguiu estabelecer relações cordiais com os grupos feministas existentes na Argentina, por aquela época: União Feminista Argentina e Movimento de Liberação Feminina — dois grupos separados mais por questões pessoais e metodológicas do que propriamente ideológicas. Já em 1972 tinha se formado o Grupo Política Sexual, a partir de um debate sobre sexualidade organizado pela revista **2001**. Esse grupo tornou-se uma espécie de motor ideológico da liberação sexual no País e, a partir de 1974, seria enriquecido com a participação de feministas e homens heterossexuais "conscientizados". Suas atividades duraram até janeiro de 1976. Promovia discussões semanais muito vivas, organizava palestras sobre sexualidade e criou uma Comissão contra a Proibição de Anticoncepcionais, da qual participaram também feministas socialistas. Além disso, o Grupo lançou um documento chamado "A opressão sexual na Argentina" e foi muito ativo quando um colégio protestante expulsou alunos homossexuais; seus participantes mantiveram um encontro com o diretor da escola, procurando fazê-lo reconsiderar suas atitudes.

Ao mesmo tempo, a Frente Homossexual editava um documento chamado "Sexo e liberação", que se tornou uma espécie de compêndio teórico-ideológico do movimento guei argentino. A partir de categorias marxistas, analisava-se o papel da opressão sexual na manutenção da exploração. A Frente da Liberação Homossexual era aí definida como "**um movimento anti-capitalista, anti-imperialista e anti-autoritário, cuja contribuição pretende ser a luta pela liberação de uma das áreas que possibilita e mantém a dominação da mulher e do homem pelo homem; isso tudo porque nenhuma revolução é completa nem pode ser vitoriosa se não subverter a estrutura ideológica internalizada no mais íntimo dos membros de uma sociedade fundada sobre a dominação**".

7. REPRESSÃO E DISSOLUÇÃO

A tolerância governamental relativamente à ação dos grupos parapoliciais direitistas cresce após a morte de Juan Perón, quando sua esposa Isabel toma o poder e se deixa rodear por uma camarilha fascista. Em meados de 1975, o semanário de direita "El Caudillo", ligado ao governo, propõe que se acabe com os homossexuais através do linchamento, fazendo referência direta à Frente Homossexual. A partir daí, boa parte dos militantes e simpatizantes gueis começa a se dispersar e propõe a dissolução da Frente: propaga-se o terror entre eles. Tanto que, por essa época, a Frente se reduz a 30 integrantes no máximo — os quais preferem radicalizar-se ao invés de se moderar. Criam um grupo de estudo sobre psicanálise, de tal modo que o movimento se reduz a um grupúsculo meramente teórico.

Também em outros setores a repressão policial se intensificou. Como parte da luta entre Exército e guerrilheiros, havia sido decretado o Estado de Sítio. A Frente Homossexual intensifica seus contatos a nível internacional, junto aos diversos movimentos com os quais tivera a precaução de aliar-se — sobretudo os mais radicais, como o FUORI italiano. Passa então a divulgar notícias sobre a repressão na Argentina e Chile, com relativo êxito. Mas justamente quando se prepara para uma ação de repúdio às declarações de Paulo VI contra a homossexualidade, a Frente sofre um sério revés graças a uma batida policial. Após o golpe militar de março de 1976 decidem que não têm nenhuma possibilidade de continuar funcionando. Perdidos em meio à discussão de quem teria sido responsável pela repressão, os membros restantes dissolvem a Frente, em junho de 1976. Alguns fogem para a Espanha e organizam uma Frente Homossexual Argentina no exílio, que entretanto carece de toda representatividade, já que o movimento anteriormente optara pela **autodissolução**. A ditadura militar do General Videla deflagra uma perseguição sistemática contra os homossexuais. Além de impossibilitar toda forma de organização, isso obriga as pessoas a canalizarem toda sua energia para a sobrevivência a nível meramente individual.

8. EPÍLOGO

Quanto aos resultados concretos, a experiência da Frente Homossexual Argentina indubitavelmente fracassou. Não conseguiu impor nenhuma de suas reivindicações básicas, não chegou a chamar a atenção de nenhum setor importante para a problemática da repressão sexual e não conseguiu conscientizar nem mesmo a comunidade homossexual argentina. No entanto, significou uma experiência fundamental para aqueles que participaram ativamente do movimento. Em última análise, provou também que é possível um alto grau de conscientização mesmo no contexto de uma sociedade tão profundamente repressiva como a Argentina de hoje.

(por motivos de segurança mantém-se incógnito o nome do autor da matéria.)

Tradução de JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Bixórdia

Felizes pra sempre

A morte de Dadá, mulher do caminhoneiro Bino (Stênio Garcia) no seriado **Carga Pesada** (TV-Globo, quinta-feira, 22h15min) só veio reforçar a tese segundo a qual aquela é a primeira dupla guei da televisão brasileira. Bino e Pedro (Antônio Fagundes) lembram, em seu relacionamento, Starsky e Hutch, outra dupla guei, mas da televisão americana. Isso, mesmo os autores de **Carga Pesada** jurem que não; os atores, como se diz em gíria televisiva, "passam guei" o tempo todo, inclusive quando brigam. Aliás, no mesmo episódio em que a pobre Dadá foi tirada de campo, o Bino saiu com uma piranha da estrada. Quando voltou, Pedro partiu pra cima da moça de modo tão agressivo, que a pobrezinha teve que fugir correndo, enquanto os dois (outra vez), juntos, iam tomar umas canas num bar. Feliz é o Bino: quem não gostaria de viver na boléia de um caminhão com o Antônio Fagundes? Ai!

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

Atenção consumidores da nossa Biblioteca Universal Guei: quem mora no Rio não precisa pedir os livros pelo reembolso postal. Pode vir pessoalmente à nossa redação (Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa) e adquirir os livros aqui. Assim, além de se livrar das despesas do correio, ainda pode bater um papinho com a gente. O horário: das 13 às 17 horas. Venham todas.

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

• Walkyria Proença resolveu entrar na selva da zona sul carioca para fazer uma pesquisa sui generis. Ela se propõe a entrevistar nada menos de 60 michês para um estudo, "Profissão Paralela", que vai sugerir para publicação pela FUNARTE. Quem assistiu a entrega da proposta aos funcionários da FUNARTE diz que houve verdadeiro rebuliço no ambiente, todo mundo querendo dar pelo menos uma espiada na criatura que se acredita com a competência e a coragem de reunir e entrevistar tal número de michês no curto espaço de três meses. A Mambaba, quando soube da pesquisa, fuzilou: "Já estou vendo o bicharéu da FUNARTE aos sopapos para ler primeiro o trabalho e saber dos detalhes dos bofes."

• "As bichas unidas jamais serão vencidas": o **slogan**, mesmo gasto, ainda funciona, haja vista o que aconteceu, nos Estados Unidos, com a pobrezinha da Anita Bryant. Durante vários anos os ativistas homossexuais mantiveram uma frente única contra Anita, que liderava uma campanha contra os gueis sob o título de "Salvemos nossas crianças". Resultado, o lar da coitada, considerado exemplar, acaba de ser desfeito, pois seu marido não agüentou a barra e pediu o divórcio. E a fábrica de suco de laranja que usava Anita em suas campanhas publicitárias também a demitiu, pois no que o bicharéu, em peso, deixou de consumir seu suco, ela passou a ter prejuízo.

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

Alô, alô, fadinhas revolucionárias: não fiquem assim tão eufóricas com os **atentados às bancas**, pois o Lampião, ao contrário do que vocês desejam e es[illegible], **não vai acabar. Felizmente, nós contamos com a solidariedade de [illegible] pessoas que não têm a audáca de se autodefinirem guardiãs da revo[illegible] [illegible] vocês, e não estão interessadas em impor manuais.** Lampião está firme e continuará brigando contra os autoritarismos, machismos e fascismos de **direita** e de **esquerda.** Enquanto isso, ninguém vai impedir vocês de articularem seu jornalzinho catequizador; portanto, não precisam trabalhar tão em surdina, como é seu costume. Já diza a Mambaba: "Afinal, imprensa marrom tem à direita e à esquerda." **Só long, companheiras.**"

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

• Recado pra Jaguarette do Pasquim: escuta, queridinha, pára de chamar os terroristas de direita de "viadinhos", tá bem? Viadinhos somos nós do LAMPIÃO, e estamos passando pelo mesmo sufoco que vocês, com a diferença que somos bem mais pobres.

• **A propósito do artigo de Aguinaldo Silva na página 2, a gente quer falar, aqui, dos nossos anunciantes fiéis — Thermas Danny, Stella Depilações, Aristóteles Rodrigues, Hélio Dalefi, The Club e Teatro Alaska; eles vêem anunciando neste jornal desde que a gente começou, e por isso LAMPIÃO faz um apelo especial aos seus leitores: usem e abusem dos serviços de todos eles. Solidariedade com solidariedade se paga, queridinhos.**

Contra "La Luna"

A minha primeira emoção, ao sair do cinema foi de saudade. Saudade de Godard. Porque "La Luna" não passa de uma obra acadêmica. A impressão que me ficou mais permanente foi a de um bolerão, o que me remeteu aos velhos melodramas da Pelmex, com Maria Felix e tudo mais. Já desconfiava, mas jamais, confesso meio envergonhado, poderia calcular que Bertolucci pudesse ser tão cafageste. Tampouco profundo quando se propõe a se meter em um tema tão profundo, o incesto.

E saí do cinema, acompanhado de quatro amigos, a perguntar aos meus botões; afinal, Bertolucci fala mesmo do incesto? Ou quem mudou: fui eu ou o incesto? Com meia-dúzia de sessões de psicanálise e três ou quatro páginas de Freud, Bertolucci já se julga profundo conhecedor de toda a teoria psicanalítica. Vã pretensão.

Em "La Luna", tudo mistura-se em uma salada completa, o que para o intelectual colonizado brasileiro é uma prova de saber. Bertolucci quer dar a impressão que acumulou experiências pela vida afora e que agora a joga para o expectador da maneira como as vivenciou. Uma prova de que não assimilou muito bem as sessões de psicanálise que pagou com o dinheiro dos pobres e ignorantes expectadores. O expectador que se vire; afinal o artista não ultrapassa a sua obra. Ora bolas, Bertolucci não é um Godard para pretender tal coisa. Na verdade, ele não sabe o que quer dizer.

Bertolucci mistura incesto com homossexualismo e com a ausência do pai. Mas o fato é que o incesto em "La Luna" é muito mal trabalhado. As soluções que encontra para justificar um incesto, que na verdade só existe em nível rasteiro, não resistem à menor análise. E ele, em seu final feliz, quer fazer crer que o encontro paterno soluciona todos os problemas de Joe. É a cura pela bolacha. Tudo termina muito bem: a namorada retorna para avisar que o seu concorrente, o Mustafá, já se foi, e com ele os picos; a mãe reencontra o seu homem — por seu lado apaixonado pela própria mãe. Mal mesmo fica Marina. Também, quem mandou ser homossexual, como deve ter raciocinado o "brilhante" Bertolucci.

Eis a solução para todos os males: Joe poderá trepar com a namorada — no cinema ou em qualquer outro lugar —, não precisará mais tomar picos, não precisará mais entrar em um bar e se oferecer aos abraços de uma boneca — por sinal, muito mal arranjada, nem precisará deitar na cama de Mustafá — aliás, um árabe "subdesenvolvido" — para contar os seus problemas de menino rico, Mustafá não andará mais por aí a corromper meninos incautos e infelizes.

Um roteiro perfeito para um dramalhão mexicano. Pena que a Pelmex não tem ainda tantas facilidades como o cinema americano — sim por que "La Luna" de italiano só tem parte da mão-de-obra, bem mais barata que a americana, e o nome. Pena que a Pelmex ainda não tenha um competente **marketing** para convencer aos incautos de que também fala de Freud. Pena que Maria Felix, em vez de ópera tenha de cantar um terrível bolerão. (**Alceste Pinheiro**)

"La Luna": a favor

Uma mãe consegue, através do incesto, ajudar o filho a superar a autodestruição. **É La Luna. É o cineasta-poeta Bertollucci que volta a buscar a** saúde do ser humano fora das determinações **morais da ideologia; que vai de novo além do bem e do mal para procurar a verdade. De novo porque já tratara do tema antes, com o Último Tango em Paris.**

E as críticas da grande imprensa não se detém sobre o problema do tabú do incesto — a primeira regra moral da sociedade autoritária; e as pessoas saem do cinema dizendo: "que mãe doente, meu Deus, em vez de procurar um psicanalista foi trepar com o filho".

Pois bem: a mãe em questão não me parece mais doente que a maioria de nós. Me parece, sim, mais brilhante, mais capaz de se dar, mais corajosa, (mais egoista e controladora, ao mesmo **tempo, pois o brilho também ofusca). Uma personalidade forte e complexa que, vendo a carência terrível de uma pessoa que amava, deu-lhe amor da forma mais verdadeira e intensa que sabia. E este é o ponto importante: a verdade. Não "A VERDADE", mas a verdade de cada um. Esta, quando se apresenta, é mais forte que tudo e não tem** mas nem talvez.

O filme não apresenta uma solução clara, o que também não agrada aos "idiotas" da objetividade" do Nélson Rodrigues, que gostariam de voltar a seus lares sabendo exatamente se devem ou não praticar o incesto para salvar os filhos. É que eles estão acostumados a seguir normas e não a buscar a verdade do seu Ser. Entre o tamanho padrão e o seu próprio tamanho, impar, ficam com o primeiro.

O que o filme apresenta de maneira clara é a beleza do escancaramento da verdade; a emoção da busca da saúde pelo amor. E apresenta também as contradições e os sofrimentos que esta busca traz quando se choca com a ideologia moral que, embora não natural, faz a nossa cabeça pela vida inteira. Porque Bertollucci é um poeta da complexidade e, por isso mesmo, da humildade. Como Nietzche, ele vê a mentira da moral ideológica, mas, ao contrário do nosso épico delirante, não prega a existência do super-homem que deveria viver na mais alta montanha recebendo o alimento do bico das águias. Bertollucci sabe que o buraco é mais embaixo; que o homem pode

Matthew Barry, o Joe de La Luna

ser menos reprimido mas não será nunca um super-homem. "**O homem é igual ao vinho, precisa ter algum pequeno defeito senão não presta**", diz um personagem de seu filme "**A Estratégia da Aranha**".

Ou seja: o super-homem é alguma coisa que tem a ver com o fascismo. Como Marlon Brando, no Último Tango em Paris, que a quer a perfeição da amoralidade; a desvinculação total de qualquer contrato social; quer, como Nietzche, comer o alimento do bico das águias. E termina na tragédia.

Então o poeta Bertollucci brinca nessa área: o homem é um ser moral. Mas qual a natureza de sua moral; onde é o seu limite? Por que ele passa do limite e se reprime mais do que o necessário para a vida social? Qual o risco e a dor de romper este falso limite ideológico? E tudo isso com intensa força poética. É Marlon Brando, bêbado, que dança trôpego e mostra a bunda no meio da simetria dura, perfeita (e bela) de um concurso de tango — o escancaramento descontrolado da vida diante do erotismo contido e disciplinado da arte); é mãe do La Luna que canta com toda a força de seu Ser, no ensaio disciplinado e contido da ópera, a glória de sua força desregrada que, cheia de verdade e amor, ajudou a salvar o filho da morte. Da platéia, o filho aplaude.

Bertollucci não tem soluções fáceis e objetivas. Tem uma fé grande na busca da verdade, do amor e do tamanho de cada um de nós. E nos avisa da dor que também acompanha essa busca. Grande poeta. (**Gustavo Praça**).

Gigolô cocô

Jamais mantenha relações, de qualquer espécie, com um negro. Nunca prive da intimidade de um homossexual. A grosso modo é o que tenta impor o filme Gigolô Americano. **Homossexuais e negros são mau caráteres, desonestos e capazes de tudo para manter a cama que lhe serve todas as noites. Um preconceito que deve ser denunciado e que os críticos da grande imprensa fingem não ver.**

É uma forma aguçada de racismo, mas é bom lembrar que a gente está sempre propenso a manifestar o nosso racismo de maneira sutil. E não falo nas frases tipo "negro de coração branco," já denunciada. Refiro-me a frases já institucionalizadas e presentes em nossa cultura verbal. Tais como: "A coisa tá preta;" "Trabalho de branco;" "negro é um coração em desamor;" "fase negra;" e "o céu estava coberto de nuvens negras," pronunciada por Brizola, em uma entrevista na TV Bandeirantes mês passado. Isso sem contar as que têm os judeus por objeto do racismo, como palavras do tipo "judiação," e "judiar," entre outras (A.P.).

Olá, Motorizelda!

Caros Lampiônicos. Estou muito decepcionado com vocês. Primeiramente, com essa onda de atentados contra bancas de jornais perpetrados por terroristas da extrema-direita com o objetivo de intimidar a imprensa alternativa, é muito suspeito que o jornalizinho de vocês não faça parte da lista dos tais defensores da "lei e da ordem", da propriedade, enfim, dos valores de nossa "civilização ocidental e cristã" (???). Isto significa que vocês já são parte integrante do "sistema" e não uma ameaça ao mesmo. Aliás, vocês nunca disfarçaram a postura pequeno-burguesa. É verdade também que nunca disseram que Lampião não é um jornal de direita.

Outro ponto que quero discutir é que vocês com a desculpa de se negarem a reproduzir papéis estabelecidos, nunca definiram o que significa o termo "gay", ao contrário lançaram e semearam a confusão entre os homossexuais. Afinal é muito difícil definir o que é homo ou heterossexual. A fronteira é pouco nítida. Vocês se perderam no emaranhado de suas próprias idéias.

Outra coisa: Pela amostra que saiu no último numero do Lampião, o tal livro "HOMENS" é uma droga. Por acaso tem motoristas de ônibus ou de carreta? Afinal Ney Matogrosso perde de goleada para o João Paulo, Édson (Friburgo), Joceni (Jabour), Luiz Carlos (Acari) ou Décio (Viação Uruguai). Outro droga, são os tais modelos que vocês publicam na seção "boforada". Se vocês conseguissem publicar a foto do Zé Paulo em trajes menores (vestido ele já dá água na boca, mexe com os corações), seria um sucesso. Só espero que se tal acontecesse, essa piranha frustrada, a tal Rafaela Mambaba não se engrace com ele. O "gaúcho" tinha que ser meu, se eu fiquei na saudade, não quero que ele seja de ninguém!

Outra coisa: continuo sem satisfazer minha objeção, que é transar com motoristas. Deve ser praga, macumba ou sei lá o quê... Por favor, me ajudem!... Nas minhas férias estive excursionando pelo interior do Estado e fiquei muito deprimido e frustrado ao ver aqueles motoristas de ônibus em Friburgo, Itaperuna, e o pessoal de Natividade, então nem se fala. Cada peão! Isto sem falar nos carreteiros. Se vocês quiserem, eu posso dar a dica de como tentarem arranjar uma transa em Campos, Friburgo, etc., embora nessa última eu tenha saído de lá invicto (decepcionante!) Principalmente em Friburgo, aquelas florestas e matas nos fazem ficar com maus pensamentos! Bem por hoje é só, desculpem o fato de eu ter falado muito.

Walmir — Jacarepaguá — Rio — RJ

R. — **Bem motorizelda, estás bem mal informada. A boneca ainda não sabe que o LAMPIÃO também está na lista da extrema direita. O que muito nos tem preocupado, pois é uma ameaça à sobrevivência do jornal, ou melhor, do teu jornal, queridinha. E não nos sentimos orgulhosos com isso, como poderia parecer. Para nós, ao contrário do que pensas, esquerda e direita, tal como se apresentam hoje, são termos muitos dezodês. É tudo saco do mesmo gato, boneca.**

Também não concordamos com as suas críticas ao livro "Homens", embora não tenhamos nada a ver com ele. Agora, aconselho a não provocar a Rafaela Mambaba. Os que o fizeram arrependeram-se, meu amor.

Quanto a tua frustração por não transar com motoristas, que culpa temos, boneca? É um problema de incompetência, o qual não temos condições de solucionar. Afinal, é coisa que não se aprende na escola, motorizelda.

De negritude

Caros Amigos, elogiar o LAMPIÃO é desnecessário. É a primeira vez que escrevo a um Jornal. E estou feliz por ser este jornal o LAMPIÃO. Jornal que após 27 edições faz, ou melhor fez, minha cabeça em todos os sentidos desde o número zero (estava no lançamento). LAMPIÃO mostrou-me várias coisas. Dentre elas, a minha negritude que era embotada dentro dessa tão decantada "Democracia racial" que dizem haver no Brasil. Aliás, o jornal deve ou deveria ser lido pelo pessoal do Planalto, pela extrema direita, e pela esquerda também, para que eles tivessem uma compreensão da democracia que nós brasileiros devemos alcançar. O meu depoimento vem para solidificar ainda mais "essa cabeça feita", no ensejo de que essa carta venha a ser publicada.

Caetano Veloso (maior poeta do Brasil) diz em uma de suas músicas que: "Narciso acha feio o que não é espelho." Se o narcisismo é um complemento libidinal, se numa visão mais ampla ele é um profundo olhar para si mesmo, então por que atacam tanto o homossexualismo?, se o complemento libidinal (forma de sexo) existe em todos nós? O sistema ataca, proíbe, apenas para a manutenção da falsa moral sexual existente dentro dessa sociedade patriarcal. Quem não teve sua infância, sua adolescência? Quem não transou com uma pessoa do mesmo sexo? Taí o ditado: "Quem é que pode atirar pedras?" Pois se na infância teve esse mesmo desejo? Claro, ninguém.

O sistema ameaça, oprime, pois o homossexualismo enquanto prazer (desejo) ameaça não os bons costumes, pois como disse, a moral é falsa. O homossexualismo ameaça é a família, às instituições, a prostituição social, econômica e religiosa do casamento. Enfim, ameaça o Estado, as mordomias políticas. E é nesse sentido que Leci Brandão fala: "Cuidado, o Sistema descobriu que prazer (gay) dá dinheiro."

Os mercenários do sexo estão aí, entram numa de tudo bem e depois deixam o outro lá, encucado, grilado, pensando que é anormal, etc... Eles nos atacam, porque temos a coragem de ser. Porque nós saímos às ruas, nos divertimos, pregamos alegria, amor. Somos doidos, transamos numa verdadeira loucura. Somos fortes porque representamos uma idéia forte, ou seja: o prazer acima de qualquer tabu. Vivemos a essência da vida. Partilhamos agonias, enfrentamos batalhas (pai, mãe, irmão) temos muita coragem de jogar a vergonha de lado e olhar nos olhos de nosso semelhante (o outro) apesar de muitas vezes o outro estar de pé armado contra nós (chantagem). Enfim estamos aí, vivendo a transa do amor, sofrendo a dor da solidão, nos danando em quartos de hotéis. Mas estamos vivendo, mudando os ventos.

Um grande abraço para vocês do jornal, cobro de vocês uma estrevista com o Emílio Santiago e com o João Saldanha. Vão ser ótimas. E que Lampião continue abençoado por todos os orixás que só assim continuará a fazer cabeças. Um estudo da relação dos orixás com o homossexualismo também se faz necessário. Beijos.

Jorge Luís — Lapa — Rio — RJ

R. Gostamos muito de tua carta. E ficamos contente por ter contribuído um pouco para que fizesses a tua cabeça. Mas não foi essa a nossa intenção. Nós do LAMPIÃO não temos a pretensão a gurus de ninguém. Achamos também interessante a tua visão de Narciso. Quanto à entrevista com o Emílio Santiago, ela já está programada, Jorge. Conversamos com ele e ele topou. Mas uma entrevista com o João Saldanha não dá. Conhecemos bem a peça: é capa preta dos mais conservadores. Outro dia esta peça andou falando mal dos homossexuais e disse que nos infiltramos nas concentrações para acabar com o futebol brasileiro. Será que precisa?

Ainda Frei Betto

Prezado Aguinaldo: Fiquei bastante chateado com algumas críticas ao Frei Betto feitas no Lampião. A primeira coisa é que Betto é um grande amigo meu e não tem, pelo que notei nestes cinco anos que nos conhecemos, qualquer preconceito com relação aos homossexuais. Com relação a entrevista à revista Status, ele apenas diz que não entende o fenômeno homossexual e tem receio de que vire moda. Se isso é discriminação, pelo amor de Deus... O que tá me grilando mais é o seguin-

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: **Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.**

CARTAS NA MESA

te: o fato do **Lampião** ter chamado Betto de bobo da corte e de vampiro da classe operária não está isolado do contexto do Movimento Homossexual Brasileiro. Posso citar por exemplo o artigo de Francisco Bittencourt, "... Menos Politicagem". Será que agora no MH vai haver uma caça às bruxas (ou seja, às bichas que militam politicamente?) Gostaria de recordar Gabeira quando disse que toda a intransigência da esquerda nunca o levará para a direita. Esperando que esta carta seja publicada, envio abraços. Zé Albuquerque — Recife.

R. — **Ainda bem que você não falou em "patrulhamento", querido Zé. No nosso caso específico, é inteiramente impossível a gente se virar pra direita, porque ela já nos está bombardeando (ai! verbo maldito!) com cartas em que nos chama de filhos do demônio e nos ameaça de destruição. Agora eu lhe pergunto: quem se preocupa com isso? Frei Betto não é frade, não é operário, não é homossexual, por isso a gente falou dele: a única coisa que a gente se sente no direito de cobrar das pessoas é mais autenticidade, meu amorzinho. Beijos pra você.**

Muito Bárbara

Querido LAMPIÃO: faz muito tempo que estou a fim de te escrever, mas como trabalho continuamente, raramente posso me sentar tranqüilo para colocar o preto no branco. Meu nome é Jaime Eduardo, tenho 28 anos, e há sete anos sou ator-transformista profissional, conhecido como Bárbara Hudson. Lamento profundamente que das duas vezes que escrevi para o Sr. Aguinaldo Silva e mandei farto material sobre minha carreira, ele não tenha publicado nada no jornal do qual sou assinante.

Será que para sair uma foto minha nesse jornal que eu adoro e que já fiz 16 amigos meus assinarem tenho que me prostituir na rua, me envolver em algum escândalo, ou ser presa? Nenhum desses expedientes fazem o meu gênero, vivo exclusivamente da minha arte, não necessito de "trottoir" nem do sensacionalismo para aparecer. Sou dos atores-transformistas brasileiros que mais viaja, conheço quase todo o meu país, me encontrando presentemente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na melhor casa noturna, boate Marrocos, devendo seguir o mês que vem para Cuiabá, Mato Grosso do Norte.

Fui o primeiro transformista brasileiro a me apresentar no Paraguai (Assunción), na boate Carroussel. Ia estrear dia 11 de agosto na Bolívia, na boate Viva Maria, em Santa Cruz de la Sierra, mas este maldito golpe de estado frustrou minhas ambições (além de o contrato ser em dólares, ia ser também o primeiro transformista a se apresentar nesse país vizinho, tão problemático, com sua política cada vez mais deteriorada). Em Montevidéu, Uruguai, já estive duas vezes (boate Bonanza), e também estive na Europa em 1973, em Madrid.

O que eu mais gosto mesmo em meus espetáculos é cantar os boleros e as "canciones de amor" de Sarita Montiel, uma de minhas musas inspiradoras, a quem conheci pessoalmente em São Paulo, em 1979, no Teatro Municipal. Mulher maravilhosa, muito simpática, que adora "maricones". O marido dela, o produtor José

Tours, é entendido e desmunheca horrores. Em novembro, vou em caráter definitivo para a Europa; o cruzeiro está muito desvalorizado, e a inflação está insuportável.

Jaime Eduardo ou Bárbara Hudson — Campo Grande, MTS.

R. — **Querida Bárbara Hudson. Aguinaldo Silva pede desculpas por não ter publicado, à época, uma foto sua no Lampa, apesar e suas cartas sempre tão gentis. Todo o material que você nos enviou está devidamente catalogado na nossa memória guei. Achamos incrível esta sua vida aventurosa, sempre viajando, sempre acreditando tanto no próprio trabalho. É uma pena que você esteja de mudança para a Europa; achamos que seu trabalho aqui é muito mais importante — nestas suas tournées pelo interior você deve passar pelos lugares como um verdadeiro cometa, iluminando tudo, jogando um pozinho mágico na consciência das bichinhas locais, sempre tão reprimidas, fazendo com que elas comecem a pensar que é possível ousar, sair, ir à luta. Estamos falando sério: à sua maneira, você também, está fazendo ativismo, e a gente lhe manda beijos por isso. Escreva sempre, tá?**

De homens nus

Estimados amigos do Lampião. Primeiramente devo dizer que por ser curioso, venho adquirindo há algum tempo, o Jornal "Lampião", pois gosto de estar por dentro de todas as coisas, e como o homossexualismo está atualmente em todas as conversas onde haja um grupo de pessoas, sempre é bom a gente, pelo menos, tomar conhecimento do assunto, lendo algo especializado sobre isso, principalmente um jornal que não use a chacota e o sensacionalismo, como é o caso do jornal "Lampião" — um jornal realmente sério. Felicitações a todos vocês por assim agirem, embora, eu não seja contra e nem a favor do homossexualismo, até muito pelo contrário. Porém, como já foi provado que todo Ser Humano não é completamente Homem nem Mulher, eu não poderia ser "O Diferente", e por isso aprecio tanto a mulher nua como o homem, desde que sejam realmente Belos. E não resta dúvida que o Homem é a criação máxima de Deus.

Por tudo isso, é que aqui estou para felicitá-lo também pelo jornal "Lampião" que acaba de ser editado e no qual vocês marcaram nota 10 com louvor em publicar as fotos de nu frontal do Ney Matogrosso, Danton Jardim e Antônio Maschio. Pelo que sei, vocês estão sendo os Pioneiros em publicar em Jornal, foto de artistas famosos mostrando tudo, tudinho. Eu já tinha visto o álbum de Vânia Toledo, e embora eu ache que fotos do Danton Jardim e do Caetano Veloso deveriam ser como a do Neville de Almeida, ou seja: em close.

Acho que a Vânia é uma heroina. Concordo também com às referências que vocês fizeram quanto a foto do Nuno Leal Maia. Eu que conheço o Nuno desde quando ele apareceu peladão em "Hair", acho que ele não tem motivos para ser fotografado como ele aparece no álbum, sem nada mostrar. Aliás, o Nuno talvez seja o único galã que deveria fazer filmes eróticos, pois pelo que se observa no filme "O Princípio do Prazer", ele realmente, na cena erótica, fica de "pau duro", e que não acontece com o outro galã, como o Arlindo Barreto, que no filme "A Intrusa" durante toda aquela cena de sacanagem à três, a câmara pega-o sem querer(?) e a gente observa que sexualmente ele não está com nada. Mole, mole. Sem outros assuntos no momento, mais uma vez, felicitações.

W. C. — Tijuca — Rio — RJ

"História de Amor"

LITERATURA

Da esquerda para direita: Rogério; Márcio; Alexandre; Fábio Márcio; Luiz Carlos; Júlio Cezar; Luciano e Zé Roberto

"Blue Jeans": os michês sobem ao palco

Zeno Wilde e Wanderley Aguiar Bragança: um tarimbado dramaturgo e um poeta que agora se estréia em teatro. Primeiro, um livro que está estourando nas paradas; depois, um espetáculo que deverá se converter num grande acontecimento nos palcos brasileiros: BLUE JEANS/Uma peça sórdida.

Zeno, que estrou em teatro em 74 (Daniel, Daniel, **SP), teve sua segunda peça** (A diva do barato, **SP) encenada em 78. Com José Renato, dirigiu a montagem de** Camas Redondas, Casais Quadrados **(SP), também em 78. Desde 75, administrou e/ ou produziu executivamente alguns dos principais espetáculos que pssaram pelos nossos tablados:** Pano de Boca **(SP)**, Gota d'água **(SP)**, Ópera do malandro **(SP)**, Tiradentes **(SP)**, Papa Highirte **(RJ)**, Afinal uma mulher de negócios **(RJ)**, Ato cultural **(RJ) e** Os veranistas **(RJ)**.

Comecei dialogando com Zeno e com Luiz Carlos Niño, e me apaixonei por todo esse trabalho. Depois, li o livro, que LAMPIÃO está vendendo (peçam pelo reembolso), e a paixão se transformou em consciente admiração solidária: haja prêmios! Uma tremenda obra literária, uma **enorme sacudidela:** "nunca, mas nunca mesmo, alguém trepou a parte verdadeiramente trepável de nós. (...) Desligue esse gravador e guarde essa fita. Amanhã você pode mandá-la para os jornais, para as rádios, torná-la pública, para que todo mundo saiba. Todas as mães, os amigos, os vizinhos, o filho mais velho, o padre, a polícia, para que todos saibam. Para que mais tarde, ninguém alegue ignorância".". **Leia, antes que alguém te grite:** "A gente vai se cruzar, cara, e eu vou te cortar inteirinho. Você é um cara marcado".

Do livro nasceu o espetáculo, após os invariáveis obstáculos da censura, que levaram a pequenas modificações adoçantes no texto definitivo, que devorei com intenso gozo. Mauro Mendonça e Rosa Maria Murtinho tiveram a ousadia de assumir a produção. Como diretor; Wolf Maia, que tem alguma coisa a nos dizer:

"BLUE JEANS/Uma peça sórdida; **é contundente e sem meias palavras; a possibilidade de encená-la me é muito estimulante e, acredito, também para todos que a assistirão. Trata-se uma séria denúncia social sobre o** michê **brasileiro, sua gênese, sua pretensão e seu fim, suas esquinas e boates, seus quartos mornos e suas solidões em grupo."**

"Cinco adolescentes vindos dos mais diversos

Fábio Márcio; Luiz Carlos; Júlio Cézar e Luciano.

núcleos familiares e sociais vivem momentos definitivos de suas vidas e, compartilhando desta intimidade, vamos conhecendo como é realmente e como se comporta esta fatia marginalizada de nossa sociedade."

"Como diretor, não poupo a verdade e a sordidez desta relação remunerada, tento não camuflar o prazer, a fantasia e o humor dos personagens em questão. Escolhi atores de 15 a 20 anos, idade real dos caminhantes noturnos, **e estamos realizando improvisações e discussões sobre o assunto e sua participação na psicologia e verdade de cada um. Tomara que consigamos realizar nossa proposta e que sejamos assistidos com a seriedade e contundência propostas pelo tema e pelos autores."**

Pelo que já pude ler, debater e ver, estamos perante a concretização plena dessa proposta. E, aposto no impacto positivo da criação teatral. Porque tudo se resume numa fala de Francisco: "Luta, por favor. Eles não podem te usar dessa forma estúpida! Cospe, não deixa." **É coisa séria, que faz pensar e sentir. Impossível não participar.**

Mas, escutemos agora Zeno Wilde: "Nossa primeira intenção foi a de levantar elementos visando favorecer uma denúncia social mais abrangente. Sabendo que existem hoje, no eixo Rio-São Paulo, cerca de seis mil adolescentes sobrevivendo da prostituição homossexual, saímos à rua e acabamos encontrando uma verdadeira multidão ignorada por uma sociedade falsamente moralista que não lhe determina um espaço próprio, que a condena ao mesmo tempo que a incentiva. Através do depoimento de cinco desses meninos, procuramos levantar um primeiro perfil desse jovem e, sem nos ater ao fato homossexual, determinar seu verdadeiro espaço geográfico dentro da sociedade de hoje."

"Para a montagem desse espetáculo foi muito importante a escolha e adequação dos atores, já que estaríamos falando de jovens que vendem os seus corpos, era necessária uma semelhança física com os personagens."

No elenco, LUIZ CARLOS NIÑO (ator e personagem com 16 anos, travesti profissional que imita Gal Costa, a Gracinha Tropical**), JÚLIO CÉSAR (ator e personagem de 15 anos, michê, o** Serginho), FÁBIO MÁSSIMO **(ator de 20 anos, personagem de 17 anos, michê, o** Renguitem), **ALEXANDRE MARQUES (personagem de 18 anos, dramaturgo, o** Francisco), MIGUEL CARRANO **(o dono do apartamento), e ROGÉRIO CORREA e ZÉ ROBERTO (ambos com 19 anos, interpretando no sistema coringa). A estréia está marcada para o dia 10 de setembro, no** Teatro Senac, **em Copacabana.**

No decorrer do espetáculo, o relator descreve vários casos verídicos de assassinatos de homossexuais por michês, **usando material de pesquisa recolhido nos arquivos do LAMPIÃO.**

Concluindo, nada melhor que uma fala de Marcos: "Será que nunca ninguém se preocupou com isso? Será que ninguém sabe? Somos uma multidão de jovens que transformamos nossos corpos, nossas pernas, nossos paus, nossas bundas em versáteis instrumentos de trabalho, dispostos a executar qualquer tipo de coreografia entre dois lençóis."

"Atrás de mim, e junto comigo, virá outro, outro, e outro. Nunca vai faltar mercadoria, nunca fai faltar cliente. Ambas as partes pecando intensamente contra a castidade por pensamento, palavras e obras."

"E não vamos falar em dignidade, tá? Trabalhando algumas horas por dia, eu tiro quinhentos, às vezes até uma milha, na maior tranqüilidade. Faça as contas por semana. Agora faça por mês. Você me arruma um emprego decente onde eu possa ganhar um ordenado parecido? Quer saber de uma coisa? Falta de dignidade, cara, é trabalhar oito horas por dia em troca de salário mínimo. Falta de dignidade é comer marmita fria."

É isso aí, gente. O espetáculo está aí. Precisa assistir e participar, logo, antes que seja tarde. (João Carneiro)